



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VIVIANE BARBOSA CRUZ

**UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE
ANNE FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA
RESISTÊNCIA JUDAICA(1942-1944)**

Delmiro Gouveia - AL
2021

VIVIANE BARBOSA CRUZ

**UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE ANNE
FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA RESISTÊNCIA
JUDAICA(1942-1944)**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
corpo docente do curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão, Delmiro Gouveia.

Orientadora: Prof. Dra. Poliana dos Santos

Delmiro Gouveia - AL
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/22063

C957p Cruz, Viviane Barbosa

Um pássaro canoro em busca de liberdade: o diário de Anne Frank, um estudo do trauma histórico e da resistência judaica (1942-1944) / Viviane Barbosa Cruz. – 2021.

53 f. : il.

Orientação: Poliana dos Santos.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Anne Frank. 2. História. 3. Resistência. 4. Judaísmo. I. Título.

CDU: 94(100) “1939/1945”

FOLHA DE APROVAÇÃO

VIVIANE BARBOSA CRUZ

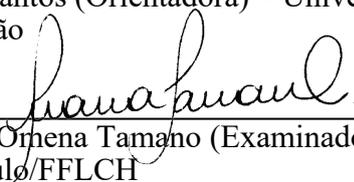
UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE ANNE FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA RESISTÊNCIA JUDAICA (1942-1944)

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História, submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão e aprovada em 09 / 03 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Poliana dos Santos (Orientadora) – Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão



Prof. Dra. Luana Tiekko Omena Tamano (Examinador Externo) – Universidade de São Paulo/FFLCH

Prof. Dr. Gustavo Manoel da Silva Gomes (Examinador Interno) - Universidade Federal de Alagoas /Campus do Sertão

Prof. Dr. Eltern Campina Vale (Coordenador do Curso de História) –Universidade Federal de Alagoas / Campus do Sertão

AGRADECIMENTO

Percorri caminhos tortuosos até aqui, repleto de desafios que muitas vezes me fizeram fraquejar, até mesmo pensar em desistir, mas graças ao meu bom Deus eu não o fiz.

Por isso, agradeço primeiro a Ele, por ter me mantido firme no caminho, durante o desenvolvimento deste artigo, permitindo-me chegar até sua conclusão. Agradeço aos meus professores por todo conhecimento que adquiri ao longo do curso e pela excelência no ensino oferecido, ao tempo em que agradeço à Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, por ofertar um curso tão importante e absolutamente necessário em tempos tão sombrios como os atuais. Sou grata pela oportunidade de poder enxergar uma nova visão de mundo e pela experiência de conviver com pessoas de “universos” diferentes.

Carinhosamente agradeço aos amigos que compartilharam comigo os desafios dessa caminhada e sempre estiveram presentes nos momentos de dificuldade e alegria, tornando o fardo mais leve e divertido. Amigos que a graduação gentilmente me presenteou e que eu irei levar para o resto da minha vida. A eles, obrigada pelo carinho, pelas discussões, pelo companheirismo, pelo apoio nos momentos mais difíceis e principalmente pelas maravilhosas risadas e momentos felizes que ficarão eternizados em minha mente. Muito obrigada meus queridos: Priscilla da Silva Sousa, Maria Elzita Alves Aragão, Heloísa da Silva Mello, Derlânio Telecio da Silva, Thaís de Souza Feitosa Barbosa e Sílvia da Silva Farias.

Agradeço a minha família, que em todos os momentos de dificuldade me apoiou e sempre fizeram o possível para me ajudar e me incentivar a não desistir. Aos meus pais, Maria Inês e Pedro que são um exemplo de honestidade e caráter para mim; aos meus irmãos Liliane e Pedro Henrique e ao meu amado filho Mattias.

Ao meu querido esposo Anilton, que já se encontra na eternidade e sempre me apoiou nos meus sonhos e projetos.

A minha estimada orientadora Poliana dos Santos, que foi literalmente um divisor de águas para que eu pudesse realizar este artigo. Sou grata por sua dedicação, sua empatia, pelo companheirismo, pela amizade e por seu profissionalismo excepcional. Sem sua rica contribuição eu não teria êxito. Sou grata também à professora Luana Tieko Omena Tamano e ao professor Gustavo Manoel da Silva Gomes por aceitarem tão gentilmente o

convite para serem membros da banca examinadora.

Enfim, agradeço a todos que torceram e oraram por mim durante essa árdua jornada. Muito obrigada!

UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE ANNE FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA RESISTÊNCIA JUDAICA (1942-1944)

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar a resistência do povo judeu, tomando como fonte o diário de Anne Frank. O recorte temporal da pesquisa se dá entre o período de 1942 e 1944, durante o regime nazista na Alemanha e na Holanda. Desse modo, constituem metas específicas deste trabalho: refletir o contexto e as consequências da Segunda Guerra Mundial para o mundo e, em especial, para o povo judeu; e compreender o nazismo, em torno dos conceitos de raça, eugenia e superioridade racial. A escolha do diário da jovem Anne como objeto de estudo se justifica devido a sua importância como testemunho histórico acerca da perseguição aos judeus e das resistências possíveis, que foram criadas por meio de esconderijos e da clandestinidade, de pequenos atos e solidariedades. Para tanto, foi fundamental para esta investigação o método indiciário de Carlo Ginzburg e a leitura teórica de Philippe Lejeune, Vavy Pacheco Borges e Maria Tereza Cunha.

Palavras-chave: História; Resistência; Diário de Anne Frank; Judeus; Nazismo.

UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE ANNE FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA RESISTÊNCIA JUDAICA (1942-1944)

ABSTRACT

This article aims to analyze the resistance of the Jewish people, using Anne Frank's diary as a source. The time frame of the research takes place between the period of 1942 and 1944, during the Nazi regime in Germany and the Netherlands. Thus, they are specific goals of this work: to reflect the context and the consequences of the Second World War for the world and, in particular, for the Jewish people; and understand Nazism, around the concepts of race, eugenics and racial superiority. The choice of young Anne's diary as an object of study is justified due to its importance as a historical testimony about the persecution of Jews and possible resistance, which were created through hiding places and hiding, small acts and solidarity. For this purpose, Carlo Ginzburg's indicative method and the theoretical reading of Philippe Lejeune, Vavy Pacheco Borges and Maria Tereza Cunha were fundamental for this investigation.

Keywords: History; Resistance; Anne Frank's diary; Jews; Nazism.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
1. Introdução.....	9
2. Alemanha nazista e o contexto holandês	12
3. Anne Frank, uma breve biografia	20
4. O gênero diário e o testemunho histórico	30
5. O diário de Anne e a resistência judaica.....	37
6. Considerações Finais	48
7. Referências	50

UM PÁSSARO CANORO EM BUSCA DE LIBERDADE: O DIÁRIO DE ANNE FRANK, UM ESTUDO DO TRAUMA HISTÓRICO E DA RESISTÊNCIA JUDAICA (1942-1944)

Sentindo-me como um pássaro canoro ao qual tivessem arrancado brutalmente as asas e que se debate desesperadamente contra as grades de sua gaiola (Anne Frank, 1943).

1. Introdução

No início dos anos de 1930, a Europa ainda se recuperava da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixou um rastro de destruição, marcando para sempre toda a humanidade. De todos os países envolvidos no conflito, a Alemanha foi a nação mais penalizada, sendo obrigada, por meio do Tratado de Versalhes (1919), a arcar com todas as despesas decorrentes do conflito. Ela foi impedida de possuir um exército ofensivo e de projetar e construir armas. Sua economia foi gravemente enfraquecida, transformando-se em um país miserável. Em consequência, crescia a enorme insatisfação popular com a pobreza, a fome e o desemprego, sendo frequente a realização de greves e de motins operários.

Nesse cenário hostil, de instabilidade política e social, surgiram vários movimentos extremistas, nacionalistas e fascistas. Um desses movimentos foi o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), fundado em 1919, que posteriormente passou a ter Adolf Hitler como o seu maior líder. O regime nazista se torna na Alemanha uma supremacia.

Hitler segue com afinco a ideologia da superioridade da “raça ariana”, cujo pensamento se fundava numa ideia de linhagem mais pura dos seres humanos, formada apenas por indivíduos que detinham certos caracteres fenotípicos: altos, fortes, brancos. Cria-se que os grupos humanos com tais características seriam mais viris e inteligentes. A partir disso, todos aqueles que não eram considerados parte desse seleto grupo de pessoas foram incessantemente perseguidos, em especial, negros, homossexuais, deficientes físicos e mentais, e o povo judeu. Estes indivíduos foram aniquilados pelas práticas nazistas e pela ideia de raça superior.

Este contexto crítico, que vai de 1914 até a queda da União Soviética em 1991, foi classificado, por Hobsbawm (1994), como a era do extremo. Desse modo, a rivalidade entre

as nações, a crise econômica e a enorme pobreza na Alemanha, somadas as humilhações das sanções do Tratado de Versalhes e um ideário de superioridade biológica, culminaram em outro grande conflito mundial (1938-1945), de proporções ainda mais trágicas. A Segunda Guerra fabricou um dos eventos mais criminosos da história humana, que ficou conhecido como holocausto.

Dentro desta circunstância, o objetivo principal deste artigo é analisar a resistência do povo judeu, tomando como fonte o diário da adolescente Anne Frank, escrito entre os anos de 1942 e 1944. Nesse período, a diarista e a sua família viveram, com mais quatro pessoas, num anexo secreto localizado em Amsterdã, na Holanda, para escapar da violência do regime nazista.

Anne Frank ficou conhecida mundialmente pelo seu testemunho pessoal, expresso em seu diário. Nesta escrita íntima, ela descreveu sua vivência durante o período em que esteve na clandestinidade, escondida no antigo escritório de seu pai. Ao ler seu diário, o leitor consegue ser sensibilizado pelas palavras de uma menina judia, que foi bruscamente privada de sua liberdade, passando sua breve adolescência confinada. Em sua narrativa, observamos traços de sua fé, o constante medo de que sua família fosse descoberta pelos alemães, a difícil convivência com os demais moradores do anexo, seus sentimentos mais íntimos, sua inocência e perspicácia, sua sede de liberdade. Sua escrita mostra, sobretudo, a luta cotidiana da adolescente e de seus familiares para sobreviver e resistir a perseguição do Estado alemão. Um documento de tamanha importância, escrito num momento de tensão social e política, não poderia passar despercebido na história, tornando-se uma incontestável evidência da resistência do povo judeu.

A partir de tais considerações, pretendemos conhecer melhor quem foi Anne Frank analisando os processos inerentes a sua adolescência, a construção de sua identidade e sua coragem enquanto esteve em uma situação de clausura. Que alternativas de luta ela criou para evitar que o seu mundo interior não desmoronasse e que papel o diário exerceu nesse período de reclusão. Nos interessa, do mesmo modo, responder quais foram as estratégias que a adolescente, sua família e amigos utilizaram para sobreviver ao período traumático da guerra enganando a política de extermínio alemão.

Utilizando o método indiciário¹ elaborado por Carlo Ginzburg (1989), o diário será

¹ O paradigma indiciário proposto pelo historiador italiano impulsionou a micro-história, no qual o objeto de pesquisa possui um recorte que é explorado até a exaustão. Nesse sentido, a escala de observação do historiador é diminuída com a intenção de desvendar o universo de uma sociedade para além do próprio protagonista do estudo. Em vez de uma análise macroscópica, é dada a atenção para os eventos particulares e fontes muitas vezes consideradas insignificantes. Informações aparentemente sem valor, detalhes que passam despercebidos são

analisado por meio dos detalhes e de pistas históricas sobre as possibilidades de resistência, que a autora põe em registro. Também levaremos em conta os aspectos específicos e formais do gênero textual. Assim, será feito uso das discussões de Philippe Lejeune (2002) sobre a relação entre essa modalidade de escrita íntima e a história. Portanto, nossa abordagem parte da História Cultural, buscando entender a maneira que Anne Frank pensou, sentiu e viu o seu mundo, bem como as práticas sociais e afetivas anotadas em seu caderno íntimo.

Este artigo está organizado em quatro partes. Inicialmente são analisados os principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, as crescentes proibições e os ataques contra os judeus na Alemanha, e as consequências que a ascensão do nazismo trouxe para a sociedade judaica. Num segundo momento, é realizada uma breve biografia de Anne Frank, destacando sua adolescência, educação e desejos. Discutiremos igualmente as várias situações em que ela e sua família passaram por forte exclusão social, o cotidiano no anexo secreto, o ambiente do esconderijo. Na terceira parte, é feita uma reflexão sobre o gênero diário e seus aspectos formais. Procuramos entender o processo do criar e da pluralidade dessa escrita, enfatizando a importância do escrever para a adolescente. Aqui será enfocada a relevância do diário como uma evidência histórica, ou seja, um testemunho íntimo que apresenta indícios e sinais de uma realidade social, no caso em específico, de caráter traumático e violento. Na quarta parte do artigo, será abordada as alternativas de resistência inventadas pelos judeus, verificando no texto as táticas e modos de sobrevivência que foram empregados contra o nazismo. Faremos uma observação crítica sobre os casos que acabaram em regime de clausura como forma de escapar às mãos nazis, avaliando a experiência e o sentimento de viver em clandestinidade.

Por fim, devemos destacar que a escolha desse objeto de estudo é de suma importância para compreender o regime nazista e a resistência contra ele. O diário de Anne Frank é conhecido como um símbolo mundial contra o Holocausto, transformando-se em um *best-seller* possuindo versões para o cinema, teatro e quadrinhos. Seu formato em livro alcançou cerca de trinta e cinco milhões de exemplares, sendo traduzido para mais de sessenta países, inclusive para o Brasil. A análise histórica do caderno, escrito há mais de setenta anos, tem um valor significativo hoje. Sua memória de luta se contrapõe ao cenário atual da Europa, onde observamos o crescimento de políticas extremistas e conservadoras,

vistos como pistas e sinais para entender contextos históricos mais complexos. No caso em estudo, a resistência judaica na Segunda Guerra será compreendida à luz do diário de uma adolescente, procurando montar a realidade histórica a partir de registros sobre comemorações de aniversários, medos, leituras, comida, mercados, sentimentos e pequenos fatos cotidianos. Ver GINZBURG, 1989.

que se alimentam de uma nostalgia das práticas nazistas. De modo particular, estamos vivendo no Brasil uma política de governo que faz apologia a intolerância e a violência, por meio da defesa de torturadores e da ditadura civil-militar de 1964. A exemplo, temos a declaração do ex Secretário da Cultura Roberto Alvim que cita frase de Joseph Goebbels (Ministro da propaganda na Alemanha Nazista), em seu discurso. “Assim como Goebbels havia afirmado em meados do século XX que a “arte alemã da próxima década será heroica” e “imperativa”, Alvim afirmou que a “arte brasileira da próxima década será heroica” e “imperativa” (G1 Portal de Notícias da Globo, 2020). O ocorrido nos demonstra o risco de termos líderes políticos intolerantes que se espelham em ideais nazi-fascistas.

Este artigo é, antes de tudo, uma reflexão histórica sobre a barbárie e suas formas de resistência.

2. Alemanha nazista e o contexto holandês

No final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha saiu como a principal responsável pela eclosão do conflito. Além disso, o país estava em meio a um colapso econômico, político e social, sofrendo interferências das potências estrangeiras Inglaterra, França e Estados Unidos, sendo submetida a determinações impostas pelo Tratado de Versalhes. Este foi visto pelos alemães como mais uma forma de humilhação, gerando ódio étnicos, nacionalistas e enorme inconformismo coletivo. Sobre o acordo, Adolf Hitler considerou: “o Tratado de Versalhes era uma vergonha e um opróbrio para a nação e que esse tratado de paz que nos fora ditado traduzia-se por um verdadeiro saque” (HITLER, 1924, p. 197). Segundo Neves:

A partir destas determinações, os alemães passam a enxergar a rendição na guerra e a assinatura do Tratado de Versalhes como uma punhalada, uma traição por parte do Kaiser (Imperador) que, segundo a crença popular, estava sofrendo grande influência e pressão dos comunistas e dos judeus para a aceitação de rendição e do posterior cumprimento deste tratado. Tais fatos levam a população a se submeter a intensas privações e interferências externas, instigando assim seu ódio para com os comunistas e os judeus (NEVES, 2018, p. 9).

Nesse período, surgem partidos políticos conservadores, que tinham como principal objetivo a recuperação econômica do país e o não cumprimento das cláusulas do Tratado de Versalhes. As principais bandeiras desses movimentos eram o antisemitismo e o

anticomunismo. É neste contexto que surge o Partido dos Trabalhadores Alemães, em 1919; e que teve, depois, o seu nome alterado para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista - NSDAP). Durante a República de Weimar, Adolf Hitler, que era um militar austríaco, ingressa nessa associação política e se transforma em sua principal figura, apresentando-se como o melhor político para “sanar” os problemas da nação, que se encontrava sedenta por alcançar novamente os trilhos do progresso. Com o seu apoio, o Partido Nazista setorna a principal organização política alemã nas décadas de 1930 e 1940 (CAETANO, 2010, p.2).

Decidido a chegar ao poder pelos meios legais, Hitler busca demonstrar para os desempregados, marginalizados, pequenos burgueses empobrecidos, escalões militares e para a burguesia que o nazismo é a solução. Na época em que a ordem capitalista é combatida pelos comunistas, o nazismo passa a ser visto, pela burguesia alemã, como o mal menor, ante o avanço das esquerdas, que não se entendiam e não percebiam o crescimento do inimigo comum (CAETANO, 2010, p. 3).

A crise econômica alemã, que se instaurou nos anos de 1920, se mantém nos anos de 1930, intensificada com a crise de 1929. Os trabalhadores perderam os seus empregos, agricultores perderam as suas terras, os cidadãos perderam as suas poupanças. O Partido Nazista toma vantagem desta situação recrutando cada vez mais seguidores. Hitler começa a culpar o governo em vigor descrevendo-o como fraco e responsabilizando os judeus pelos problemas que a Alemanha enfrentava.

Os movimentos fascistas² pretendiam ter o poder absoluto e Hitler possuía em seus discursos uma oratória absolutamente convincente para conseguir este feito. Ele dizia que “se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada e que, neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores” (HITLER, [1925?], p. 3). O caráter messiânico de seus discursos políticos engrandecia o ideal nazista. Em 1921, um grupo paramilitar é criado, o *Sturmabteilung* (SA), que tem um papel preponderante na ascensão de Hitler ao poder nos anos 1920/1930, tornando-se uma alternativa atrativa a muitos homens desempregados seduzindo cada vez mais apoiadores ao nazismo.

Em 14 setembro 1930 mais de 6,4 milhões de pessoas votaram no partido, aumentando os representantes nazis no parlamento alemão de 12 para 107 (MULLER,

²Estamos utilizando o termo fascismo e nazismo em sentido aproximado, seguindo a interpretação do pesquisador Antônio Costa Pinto (2006, p. 614) que os considera um “fenômeno político e ideológico, em que um Estado abandona as liberdades democráticas e procura alcançar com violência e sem limites éticos objetivos de depuração externa e interna”.

1998). Nessas proporções, o número de pessoas que perdia seu emprego e sua esperança na democracia só aumentava.

Em julho de 1932 Hitler ganha as eleições, obtendo 37% dos 13.7 milhões de votos. Primeiro, fica a liderar num governo em coligação e é depois nomeado a Chanceler da Alemanha em janeiro de 1933. A 5 de Março desse mesmo ano, novas eleições têm lugar e o Partido Nazi (NSDAP) obtém 44% dos votos. A 24 de Março, Hitler consegue oficialmente poder absoluto ao ser aprovada uma lei denominada de Enabling Act que lhe permitiria passar por cima da Constituição e de qualquer lei existente, iniciando-se assim um regime ditatorial (SANTOS, 2012, p .11).

Após eleito, Hitler anunciou em seus discursos a intenção de reerguer a Alemanha e frear o avanço da democracia, suspendendo a liberdade de expressão e, sobretudo, tomando medidas para assegurar a proteção dos alemães. Apesar de todas as severas sanções tomadas pelo regime nazista, “a própria Alemanha parecia ao observador não político um país estável, até mesmo em expansão econômica, com um governo popular, apesar de com algumas características antipáticas” (HOBBSAWM, 1994, p. 151). A partir de então, todos os outros partidos existentes são considerados ilegais, tomando o seu lugar a doutrina nazista. O poder de Hitler era agora absoluto enquanto Führer, com o apoio de Joseph Goebbels e Hermann Goering como ministros do Estado; Heinrich Himmler como líder da *Schutzstaffel* (SS), força paramilitar ligada ao partido nazista que substituiu a SA; e Reinhard Heydrich, responsável pela Gestapo (Força Policial Política Nazi). Inicia-se assim o Terceiro *Reich*.

A unificação do país se consolida a partir do desejo de elevar a moral e o orgulho da nação alemã através do princípio da unidade étnica. Hitler tinha como principal objetivo transformar a Alemanha em uma pátria-mãe, sujeitar outras regiões a nação alemã. O que considerou:

A Áustria alemã deve voltar a fazer parte da grande Pátria germânica, aliás sem se atender a motivos de ordem econômica. Mesmo que essa união fosse, sob o ponto de vista econômico, ineficaz ou até prejudicial, ela deveria realizar-se. Povos em cujas veias corre o mesmo sangue devem pertencer ao mesmo Estado. Ao povo alemão não assistem razões morais para uma política ativa de colonização, enquanto não conseguir reunir os seus próprios filhos em uma pátria única. Somente quando as fronteiras do Estado tiverem abarcado todos os alemães sem que se lhes possa oferecer a segurança da alimentação, só então surgirá, da necessidade do próprio povo, o direito, justificado pela moral, da conquista de terra estrangeira (HITLER, [1925?], p.6).

O líder alemão desejava comover a maior quantidade de pessoas e convencer os

crentes do partido nacional-socialista, que eram amantes da pátria vencida e humilhada, de que os homens puros de mesmo sangue (arianos) deveriam se sobrepor aos demais homens. Para que isso se concretizasse era necessário colocar em prática a ideologia da superioridade da “raça ariana”. Conforme o pensamento nazista, a superioridade ariana é naturalmente uma condição que está enraizada desde os primórdios da humanidade. Toda a ciência, a arte e a técnica poderiam desaparecer com a mestiçagem racial, vista como prejudicial à raça ariana, porque causaria o envenenamento do sangue germânico. Hitler deixa isso explícito em seu livro *Mein Kampf* ([1925?]) durante o período em que esteve em Landsberg sobre o Lech, presídio militar.

É uma tentativa ociosa querer discutir qual a raça ou quais as raças que foram os depositários da cultura humana e os verdadeiros fundadores de tudo aquilo que compreendemos sob o termo "Humanidade". Mais simples é aplicar essa pergunta ao presente, e, aqui também, a resposta é fácil e clara. O que hoje se apresenta a nós em matéria de cultura humana, de resultados colhidos no terreno, da arte, da ciência e da técnica, é quase que exclusivamente produto da criação do Ariano. É sobre tal fato, porém, que devemos apoiar a conclusão de ter sido ele o fundador exclusivo de uma humanidade superior, representando assim "o tipo primitivo daquilo que entendemos por "homem". É ele o Prometeu da humanidade, e da sua fronte é que jorrou, em todas as épocas, a centelha do Gênio, acendendo sempre de novo aquele fogo do conhecimento que iluminou a noite dos táticos mistérios, fazendo ascender o homem a uma situação de superioridade sobre os outros seres terrestres. Exclua-se ele, e, talvez depois de poucos milênios, descerão mais uma vez astrevas sobre a terra; a civilização humana chegará a seu termo e o mundo se tornará um deserto! (HITLER, [1925?], p. 127).

Nessa perspectiva, a raça ariana seria superior no aspecto biológico e intelectual, porém, faltava a essa classe exercer sua supremacia no âmbito territorial, econômico e político. Para isso, Hitler se apropria da teoria do espaço vital, criada por Friedrich Ratzel (1882), geógrafo e etnólogo alemão. Para o chanceler alemão, o espaço vital era essencial no sentido propriamente ecológico, isto é, de habitat. Essa teoria defendia que toda raça ou povo com dotes civilizacionais superiores precisaria de um vasto espaço físico para seu pleno desenvolvimento. A conquista desse espaço vital dependia da subjugação de raças inferiores ocupantes de territórios indignos deles. Dessa forma, ele irá legitimar a expansão territorial nazista. Nesse contexto, Hitler consegue um Estado forte militarizado, em que seus indivíduos se submetem a um projeto coletivo ultranacionalista em favor da pátria alemã. A homogeneidade ariana era defendida pelo nazismo ferrenhamente, não poderia haver nenhuma visão de mundo ou sociedade alternativa a ideologia nazista.

Os discursos violentos de Hitler acerca do que ele considerava como “sub-humanos” ímpuros: ciganos, homossexuais, negros, pessoas com deficiência e os judeus se tornaram cada vez mais frequentes, para esses grupos eram executadas medidas eugênicas e de extermínio. Além disso, eram aplicadas sanções severas a todos os oponentes do partido e da doutrina nazista. Qualquer sinal de risco de poluição racial era eliminado, dando início a uma esterilização em massa.

Os judeus, em especial, eram considerados uma epidemia, e como tal deveriam ser detidos para conter o mal que representavam a raça ariana, eram considerados uma doença que se propagava pelo solo alemão. Em setembro de 1935, para proteção do “sangue alemão e da honra alemã”, é declarada a proibição do casamento entre judeus e não-judeus, sendo considerado corrupção racial, pois a miscigenação era condenada pelo nazismo, proibida e sancionada por lei. O regime nazista passa a promover medidas eugênicas para beneficiar os racialmente puros e fisicamente saudáveis, investindo em atividades sociais, em cuidados médicos, na arte e na cultura, mudando assim, os sentimentos de incerteza e descontentamento da população, que são transformados agora em admiração pelo novo *reich*. O Führer passa a aumentar a sua popularidade ganhando cada vez mais adeptos.

Todas as minorias, principalmente os judeus, são excluídas destas atividades educativase sanitárias, para demonstrar aos demais cidadãos uma falsa ideia de proteção e segurança. Assim, passava-se a imagem de que a população obteria mais vantagens ao ser governada pelo regime nazista, que não mediria esforços para combater seus inimigos. Com isso, o chanceler põe em prática os seus projetos, sobretudo, o extermínio dos não “arianos”. Em meio a todo esse processo, os valores da ideologia nazista foram sendo disseminados para a população, iniciando uma grande onda de perseguição ao povo de origem semita.

No dia 1º de abril de 1933, Joseph Goebbels, ministro responsável pela propaganda do regime nazista, começou a intensificar a publicidade antijudaica com *slogans* antissemitas e declarou um boicote oficial a lojistas, médicos e advogados de origem judaica: “Cidadãos alemães! Defendam-se! Não comprem nada aos judeus!”(SANTOS, 2012, p.12). Dez dias depois, todos os trabalhadores com pelo menos um avô ou avó judeu/judia são despedidos. De acordo com a filosofia nazi, apenas havia espaço na nação para os alemães brancos de “sangue-puro” (arianos). Os judeus que tivessem lojas e empresas foram também obrigados a vendê-las aos “arianos”. Outras medidas severas foram tomadas contra todos aqueles que não fossem mental e fisicamente saudáveis. Os cidadãos negros entravam igualmente nessa lista, sendo enviados a hospitais para uma

esterilização através de injeção letal ou gás, com a finalidade de “proteger” os puros de sangue germânico (MULLER, 1998).

O sistema educacional também sofreu graves mudanças. “A hostilidade nazista à liberdade intelectual quase imediatamente expurgou das universidades alemãs talvez um terço de seus professores. Os ataques à cultura ‘modernista’, a queima pública de livros ‘judeus’ e outros indesejáveis, começaram quase com a entrada de Hitler no governo” (HOBSBAWM, 1994, p. 151). Todos os professores não arianos foram proibidos de lecionar e os livros didáticos foram substituídos por livros que seguiam a nova doutrina.

A população judia na Alemanha já se encontrava em meio a severas restrições com o avanço nazista, mas buscava manter suas vidas o mais normal possível, quando, em setembro de 1935, a lei dos Cidadãos do *Reich* declarou os judeus alemães como estrangeiros em seu próprio país. “O racismo nazista logo provocou o êxodo em massa de intelectuais judeus e esquerdistas, que se espalharam pelo que restava de um mundo tolerante” (HOBSBAWM, 1994, p. 151). Além de perderem sua total liberdade, foram obrigados a deixar suas casas para buscar refúgio em outras nações, por medo do futuro incerto que os aguardava.

Através de sua capacidade para convencer as massas, Hitler reduzia os complexos problemas sociais, políticos e econômicos da Alemanha a um simples causador: o povo judeu. Foram elaboradas excessivas propagandas que difundiam a conspiração de uma comunidade judaica internacional que pregava que os judeus não eram fiéis a uma única nacionalidade territorial, no qual o grande plano era de que eles iriam dominar o mundo, controlando todas as grandes potências mundiais (SANTOS, 2012).

Os indivíduos de origem semita eram considerados cidadãos de última classe denominados de *Untermenschen*, que significa seres inferiores ou sub-humanos. Ainda em 1935, leis foram criadas visando:

proteger o sangue alemão de todo o sangue não-puro, no interesse de preservar a pureza da nação alemã. Definiram até à exaustão as categorias de raça ariana, judia, metade-judeus, um quarto-judeus, casados com judeus e pureza racial. Esta medida foi usada para discriminar os judeus, para persegui-los e para os castigare legal e oficialmente segundo a lei. Qualquer documento oficial deveria ter a indicação de ariano, judeu ou relação com judeu (SANTOS, 2012, p. 13).

O contato com os “judeus parasitas” era considerado prejudicial aos alemães. A agressividade nazista crescia de modo desenfreado sendo dirigida igualmente a todos os

seus oponentes políticos. Entre os dias 9 e 10 de novembro de 1938 aconteceu o primeiro grande ataque aos judeus, *Kristallnacht* (a noite de cristais quebrados). Este evento foi um ataque maciço as suas lojas e sinagogas. Nessa ofensiva, aproximadamente 400 prédios foram destruídos somente na primeira noite. A partir de então, começaram as detenções em massa, inicialmente cerca de 30 mil judeus foram enviados aos campos de concentração.

Como a vida se tornou um verdadeiro caos, os judeus começaram a pedir abrigo na Holanda, já que alguns países como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha dificultavam a sua entrada. Devido a essa demanda, a Holanda passa a permitir que os judeus permaneçam em seu território apenas temporariamente como refugiados.

Para este efeito, os refugiados ficavam num campo de internato que os abrigaria. Em janeiro de 1944 as autoridades de imigração holandesa registraram 4200 refugiados judeus vindos da Alemanha e o número continuava a aumentar. Em 1940, a população judaica na Holanda é de 140 mil pessoas, cujos 24 mil são refugiados. Com 90 mil judeus, Amsterdã tem a maior população judaica do país (SANTOS, 2012, p. 14).

Em 1939, com os bombardeios alemães na Polônia, Hitler tinha por objetivo sujeitar o país a submissão nazista, além de recuperar seus territórios perdidos em 1918. Dessa forma, ordena as suas tropas que avancem para impor suas medidas políticas, a fim de aniquilar todos os seus inimigos para proteger seu Estado. Apesar de a França e a Inglaterra comunicarem seu auxílio a Polônia, a Alemanha não se intimidou nem cedeu aos pedidos de cessar fogo, dando início oficialmente a Segunda Guerra Mundial. Logo no início dos ataques cerca de 2 milhões de judeus ficaram sob o seu domínio. Após franceses e ingleses declararem guerra à Alemanha, já era evidente que o massacre dos judeus era parte fundamental do objetivo alemão.

A ação destruidora do judaísmo em vários aspectos da vida do povo, deve ser vista como um esforço constante para minar a importância da personalidade nas nações que os acolhem e substituí-la pela vontade das massas. O princípio orgânico da humanidade ariana é substituído pelo princípio destruidor dos judeus. Assim se torna o judaísmo um "fermento de decomposição" dos povos e raças e, em sentido mais vasto, de ruína da cultura humana (HITLER, [1925?], p. 190).

Após os ataques que destruíram grande parte da força aérea da Polônia, comprometendo suas comunicações rodoviárias e ferroviárias, o país se encontrava em meio ao avanço da SS nas cidades e vilas. O grupo paramilitar não economizava em promover o extermínio dos judeus polacos. Na Holanda, a população estava desolada com

essa onda de terror; e para se manter “livres” dos ataques alemães, os holandeses se apegavam a imparcialidade passando uma imagem de que o país se conservava neutro como aconteceu na Primeira Guerra Mundial.

Apesar dos esforços, em 10 de maio de 1940 as tropas alemãs invadiram a Holanda. A Alemanha não declarou guerra ao país oficialmente, mas Hitler o invadiu com a justificativa de que as suas forças armadas estavam protegendo este Estado neutro do perigo que os aliados poderiam exercer. A verdade era que o Führer precisava de aeroportos perto do Mar do Norte. No dia 14 de maio de 1940, depois que os holandeses combateram arduamente a força bélica alemã, a Holanda anunciou a sua rendição, quando recebeu o ultimato para se entregar imediatamente ou Roterdã seria bombardeada. Hitler não respeitou o acordo e decidiu bombardear a cidade que detinha o porto marítimo mais importante do país, matando cerca de 800 civis. As pessoas assistiam com medo as colunas de soldados alemães com os seus uniformes a marcharem pelas ruas e a cantarem as suas canções militares.

Não se verificaram *progoms* como os que haviam tido lugar na Polônia, mas os alemães faziam com que a sua presença fosse notada assiduamente nas ruas. O comissário do *Reich* que foi nomeado para a Holanda, chegou a dizer: “nós alemães não viemos com o intuito de aplicar o nosso sistema político aqui nem para subjugar este país e as suas pessoas” (MULLER, 1998, p. 15). Porém, não se demorou muito para que os alemães comesçassem a tratar a “questão dos judeus”, iniciando ações antijudaicas, tais como aquelas que ocorreram na Alemanha. Em agosto de 1940 é declarada uma lei, em que obrigava a todos os judeus, imigrados para a Holanda depois de 1 de janeiro de 1933, a se registrarem no Escritório de Residentes Estrangeiros (MULLER, 1998). Muitas pessoas se convenceram que era apenas um registro rotineiro sem qualquer consequência. Contudo, a partir desse registro o governo alemão poderia saber que aquela família específica era judaica e podia encontrá-la com facilidade. No ano seguinte, holandeses de origem semita também teriam que se registrar oficialmente, aumentando o controle que o regime nazista tinha sobre a população judia.

Em 1933 os judeus já sofrem com os ataques nazistas. Em 1941, o número de casos de violência e o ritmo dos ataques físicos só aumentavam, eles já não estavam a salvo na Holanda. Esses ataques deram início a uma onda de atos brutais de violência sob a justificativa de que a população judia estava agindo com desrespeito contra a polícia alemã e os nazistas holandeses; muitas pessoas começaram a ser executadas e presas. Após uma reunião entre um agente SS e o Consulado Judaico, todos os judeus, entre 16 e 40

anos, iriam ser enviados para campos de trabalho na Alemanha. Aqueles que recebessem uma notificação teriam que se apresentar para prestar “serviço laboral” na Alemanha, termo utilizado pelos nazis nas notificações.

Essa estratégia fazia parte de um plano elaborado que tinha como objetivo a erradicação total do povo judeu na Europa, assim como Hitler havia proposto. O plano consistia na exploração, até a morte, do trabalho braçal dos judeus capacitados e a execução imediata de todos os julgados incapazes como idosos, crianças, mulheres grávidas e doentes. Nos campos de concentração nazistas, esses indivíduos eram mortos em grande escala. Era a chamada “solução final”, nomeado pelos nazistas para sua política genocida. Essa prática de extermínio teve diferentes fases ao longo da guerra, após sua implantação em meados de 1941, quando foi desenvolvida toda uma estrutura que dizimou boa parte da população judia, culminando no holocausto (MULLER,1998).

3. Anne Frank, uma breve biografia

Otto Heinrich Frank, pai de Anne Frank, nasceu em 12 de maio de 1889 na cidade de Frankfurt. Filho de Michael Frank e Alice Betty, ele vinha de uma família judaica liberal e rica. Otto Frank teve três irmãos e nunca foi habituado a praticar os rituais e orações hebraicas; não chegou, por exemplo, a fazer o Bar Mitzvah (cerimônia judaica que marca a passagem de um garoto à vida adulta aos treze anos). Depois do secundário, estudou economia por pouco tempo na Universidade de Heidelberg. Por meio de um amigo, conseguiu um trabalho em Nova York, onde permaneceu de 1908 a 1909. Depois da morte do pai, que era bancário, voltou para a Alemanha e começou a trabalhar numa empresa de engenharia metalúrgica em Dusseldorf até 1914. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu no exército alemão e alcançou a patente de tenente. Após a guerra, trabalhou no banco herdado de seu pai numa fase de dificuldade econômica do país. É durante este período que ele conhece a sua futura esposa, Edith Hollander (SANTOS, 2012, p. 18).

Edith Hollander nasceu em Aachen (Alemanha) em 16 de janeiro de 1900. Teve três irmãos e era a filha mais nova de Rosa Stern e Abraham Hollander. Sua família praticava o judaísmo fervorosamente, celebrava todas as festas e feriados judaicos. Em 1916, ela completou seus exames finais de ensino secundário numa escola privada. Em 1925, Otto Frank e Edith Hollander anunciam o noivado e um mês depois se casam em uma sinagoga

mudando-se para Frankfurt.

Margot Betti, a primeira filha do casal, nasceu em 16 de fevereiro de 1926. Era uma garota calma e muito reservada, educada e ótima aluna. Três anos depois, no dia 12 de junho de 1929, nasce a segunda filha, Annelisse Marie Frank, mais conhecida como Anne. Segundo Muller (1998), após alguns dias de seu nascimento, a família se muda para uma casa em Marbachweg nos subúrbios de Frankfurt. Devido a dificuldades financeiras, em 1931, eles vão morar num apartamento pequeno e menos dispendioso que ficava apenas a dez minutos de sua antiga casa. Edith e Otto Frank se sentiam mais seguros com a nova vizinhança e com os seus ideais políticos, porque no bairro anterior já começavam a escutar comentários antissemitas.

Edith e Otto decidem que as filhas deveriam frequentar a Escola Ludwig Richter em Eschersheimer Lindenbaum, uma escola com diferentes classes sociais e religiões e que se baseava em métodos de educação progressivos, que não se identificava com a educação típica e tradicional, fazendo uma ligação muito interessante entre a educação e a natureza, o que agradava muito ao casal Frank. Era uma escola que não se identificava com os métodos tradicionais, onde as crianças não ficavam a ouvir apenas os professores, mas eram também muito participativas nas aulas (MULLER, 1998, p. 21).

Em 1933, com a chegada de Hitler ao poder, Otto Frank e sua esposa decidem sair da Alemanha pela crescente perseguição aos judeus. Eles estavam convencidos de que o povo holandês era liberal e tolerante e que não se enquadraria em futuros confrontos políticos. A família decide ir para Amsterdã a procura de novas oportunidades de trabalho, deixando a filha mais nova aos cuidados de sua avó materna Oma em Aachen. Somente no ano seguinte, Anne Frank é levada para junto de seus pais. Já morando em Amsterdã, a menina é registrada na Escola Montessori, que tinha ênfase na individualidade dos alunos. Em setembro do corrente ano, Otto Frank funda a empresa Opekta, uma companhia que produzia pectina, usada na fabricação de compotas e geleias de frutas.

As esperanças dos Frank começaram a ruir, quando as tropas alemãs invadiram a Holanda e as restrições contra os judeus deram início. A Escola Montessori foi fechada devido aos seus ideais liberais e Anne Frank foi obrigada a frequentar o Liceu Judaico que tinha um ensino tradicional. Segundo Hannah Elisabeth Pick-Goslar (In: LINDWER, 2015, p. 21) amiga de infância da diarista, assim como em sua vida pessoal, na escola, era uma garota muito divertida e alegre. No entanto, tinha a saúde frágil e sofria de febre reumática. Era uma jovem apaixonada por cinema e por astros cinematográficos, uma excelente leitora

e escritora, inclusive esta era uma das carreiras que ela almejava seguir.

Frank, possuía uma peculiaridade no que tange ao afeto que dispensava aos seus pais. Com sua mãe tinha sérias divergências, compartilhando de uma relação muito fria e esquiva; em contrapartida, com o seu pai, a quem apelidou carinhosamente como “Pim”, tinha uma relação de compreensão e muito carinho. Em seu caderno íntimo anotou: “mamãe passou-me outro sermão terrível hoje de manhã; não aguento mais. Nossas ideias são absolutamente opostas. Papai é um amor, apesar de ficar zangado comigo por cinco minutos seguidos” (Diário, 1942, p. 23)³.

Era uma garota extrovertida e muito comunicativa, tendo boa relação com seus professores. Era também muito confiante: “conheço mais de trinta pessoas a quem poderia chamar de amigas e tenho uma porção de pretendentes doidos para me namorar e que, não o podendo fazer, ficam me espiando, na classe, por meio de espelinhos” (Diário, 1942, p.8). Em 1942, em seu décimo terceiro aniversário, ela ganhou um caderno de capa xadrez, que veio a se tornar seu maior confidente. Era o seu diário pessoal, que após a sua morte ficou conhecido mundialmente como *O Diário de Anne Frank*. Ele não era apenas um simples caderno, em que descreveria os acontecimentos corriqueiros de seu dia a dia, seria igualmente um grande amigo.

A figura da amiga por quem esperei tanto tempo [...] quero que este diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty [...] espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim (Diário, 1942, p. 8).

Anne Frank passou para o papel muito além de suas observações e preocupações com a vida. Ela escreveu como enxergava o mundo, os seus sentimentos, as suas aspirações para o futuro, o impacto que sua família sofreu com as leis antissemitas, sua experiência enquanto permaneceu escondida no anexo secreto, enfim, todos os seus segredos mais íntimos. Seus escritos se tornaram testemunhos da história, evidências de uma época traumática.

Após 1940, os tempos de liberdade terminaram. Primeiro veio a guerra, depois a rendição, seguida da expansão dos alemães. Decretos antissemitas restringiam cada vez mais o povo judeu. Passou a ser obrigatória a sua identificação com uma estrela amarela,

³ Usaremos a edição do diário de 1974. Porém, o texto de Anne Frank será citado com o nome “Diário”, seguido do ano de registro de sua escrita (1942, 1943 ou 1944) e do número de página. Isso facilitará a identificação do leitor com respeito ao contexto histórico de seu caderno íntimo.

acompanhada da palavra *Jood* (Judeu) impressa no vestuário. A estrela deveria ser colocada visivelmente no lado esquerdo do peito sempre que alguém aparecesse em público, e caso não estivesse devidamente identificado seria severamente punido. Quem fosse de origem semita teria que entregar suas bicicletas, não podia andar de bonde, não podia dirigir automóveis, só era permitido fazer compras das três às cinco horas e, mesmo assim, apenas em lojas identificadas como israelita. Todos eram obrigados a se recolherem em suas casas às oito da noite, e depois dessa hora, não podiam se sentar nem mesmo em seus próprios jardins. Foram proibidos de frequentar teatros, cinemas e qualquer outro lugar de diversão como as piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei; e locais para a prática de esportes. Também não podiam visitar os cristãos e as crianças só podiam frequentar escolas judias. Todas essas restrições atingiram a família Frank, e Anne Frank deixa isso claro em seu diário:

o calor está terrível, e estamos positivamente derretendo, mas mesmo assim, temos que ir a pé a todos os lugares. Só agora vejo como era gostoso andar de bonde, mas esse é um luxo proibido aos judeus. Temos mesmo é de andar a pé [...] aos judeus só é permitido andar de barca [...] não é por culpa do povo holandês que estamos passando todos esses vexames. Nossa liberdade era tremendamente limitada, mas ainda assim as coisas eram suportáveis (Diário, 1942, p. 11).

A situação permaneceu suportável até o dia 8 de julho de 1942 quando chega na casa dos Frank uma notificação da SS para Margot, convocando-a para se apresentar nos Escritórios Centrais e para ser enviada a um campo de trabalho em Westerbork. A princípio Edith Hollander escondeu essa informação de Margot e de Anne Frank para poupá-las do pânico, dizendo que o chamado era para o seu pai. Anne Frank soube da verdade por sua irmã: “Margot contou-me que a convocação não fora para papai, mas para ela. Fiquei mais assustada ainda e pus-me a chorar” (Diário, 1942, p. 15).

O fato de Margot ter recebido esse chamamento apressou os planos que Otto Frank vinha preparando para sua família, a de se esconder.

Há dias, quando caminhávamos pela pracinha, papai falou pela primeira vez em nos escondermos. Perguntei-lhe por que falava nisso. Bem, Anne respondeu ele, você sabe que há mais de um ano estamos transportando víveres, roupas e mobília para a casa dos outros; não queremos que os alemães nos apreendam os haveres e muito menos que nos deem as garras em cima. O melhor será desaparecermos por nossa própria conta, em vez de esperar que nos venham buscar (Diário, 1942, p. 14).

A família começou a reunir tudo aquilo que conseguiu para levar ao seu novo endereço, colocando em sacolas de compras todo tipo de objeto. Eles vestiram a maior quantidade de roupas possível a fim de não chamar atenção com malas. Anne Frank tinha uma gatinha chamada Moortie, não podendo levá-la a deixou com os vizinhos. Deixaram tudo desarrumado, suas camas bagunçadas e a mesa do café posta, dando a impressão de que saíram às pressas.

Então na manhã seguinte os Frank saíram de casa bem cedo em direção ao seu esconderijo. Tamanha foi a surpresa da jovem diarista ao saber que o endereço se tratava do escritório e do armazém de seu pai no número 263 da Prinsengracht. Tudo estava sendo preparado a alguns meses pelos funcionários e amigos de Otto Frank: Jo Kleiman, contador na Opekta; Victor Kugler, empregado da Opekta; Bep Voskuijl, secretária na Opekta; Miep Gies, secretária de Otto Frank; Jan Gies, marido de Miep; Johan Voskuijl, pai de Bep e administrador do depósito na Opekta. Essa rede de apoio foi de extrema importância para que a família e os demais ocupantes do anexo permanecessem escondidos em segurança durante dois anos.

Os Frank não foram os únicos a se mudarem para o novo endereço. Eles tiveram a companhia de mais quatro pessoas: Auguste van Pels (apresentada no caderno como Sra. van Daan), seu marido Hermann van Pels (Sr. van Daan) e o filho do casal Peter van Pels (tratado pelo primeiro nome); e o dentista Fritz Pfeffer (que aparece no diário com o pseudônimo de Albert Dussel)⁴. Os Van Daan se mudaram para o anexo no dia 13 de julho de 1942, e a sua chegada movimentou a rotina monótona dos Frank. Na companhia dos novos moradores, eles tiveram que se adaptar a uma nova rotina a fim de estabelecer uma convivência harmoniosa. No ambiente, as desavenças e as discussões eram terminantemente proibidas para que o esconderijo permanecesse seguro. Talvez, Anne Frank tenha sido a pessoa mais incompreendida durante o período em que o grupo permaneceu escondido devido ao seu comportamento impulsivo e sua personalidade forte. Durante os anos de clausura, os ocupantes do anexo secreto tiveram momentos de grandes conflitos.

Após a vinda do dentista Albert Dussel ao anexo, no dia 17 de novembro de 1942, Anne Frank se vê obrigada a dividir seu pequeno quarto com o novo inquilino, perdendo o privilégio de ficar sozinha com sua querida Kitty e os poucos momentos que tinha de privacidade. Além do senhor Dussel, ela vivenciava sérios momentos de desconforto

⁴ Designaremos essas pessoas pelos nomes falsos que aparecem no diário para melhor deixar situado o leitor no texto.

cotidiano com “Madame”, apelido que deu a senhora Van Daan. A situação estava cada vez mais insuportável, a sensação de esgotamento mental da jovem e o medo constante de serem descobertos pelas tropas da SS tornavam os dias de confinamento uma verdadeira tortura. Os ataques aéreos e bombardeios afligiam a todos, representando a contínua ameaça dos inimigos nazistas.

A jovem escritora se encontrava em meio a uma profunda tristeza, porque seu comportamento impulsivo e ousado, em que falava aquilo que pensava, causava muito desconforto para quem a ouvia, o que naturalmente ocasionava discussões. Anne Frank não suportava mais a vida em clausura e a única maneira que tinha para desabafar era escrevendo no seu tão amado diário.

Estou tremendo de raiva e tenho que disfarçar. Minha vontade é bater os pés, gritar, dar uma boa sacudidela em mamãe, chorar e mais uma porção de coisas, por causa das palavras detestáveis, dos olhares zombeteiros, das acusações com que me atingem diariamente, sem descanso e que, como setas partidas de um arco retesado, acertam no alvo e são difíceis de arrancar de meu corpo (Diário, 1943, p. 48).

Permanecer no anexo secreto já não era tão suportável como nos primeiros meses, os seus oito ocupantes já se encontravam em meio a escassez de alimentos. Seus protetores já não estavam sempre aptos para prestar o suporte necessário à sua sobrevivência. Em 1943, os ocupantes do esconderijo estavam diante de um momento crítico, pois três de seus amigos estavam doentes e pararam de ajudar: o senhor Kleiman precisou fazer uma cirurgia no intestino, Bep estava de cama com uma gripe severa e o senhor Voskuijl estava com crise de úlcera. Como se não fosse o bastante, um funcionário que trabalhava no armazém e desconfiado de toda aquela movimentação na parte superior do prédio começou a fazer várias perguntas a Miep e Bep a respeito do que lá era feito, o que representava grande ameaça aos ocupantes do anexo secreto (Diário, 1943, p. 84).

Na terça-feira, dia 1º de agosto de 1944, Anne Frank escreve em seu diário pela última vez. O pesadelo de serem descobertos pelos nazistas se concretizou três dias depois, em 4 de agosto de 1944, quando a polícia alemã invadiu o prédio do escritório de Otto Frank, levando todos os clandestinos. Destruíram o anexo secreto, pegaram todo o dinheiro e os objetos de valor que encontraram. O diário de Anne Frank só foi salvo e publicado, porque depois que a família foi descoberta e presa, Miep Gies encontrou o caderno, entre outras coisas que foram deixadas para trás, e o guardou, entregando posteriormente para o pai da menina, o único dos oito ocupantes que sobreviveu ao holocausto. O denunciante

do anexo nunca foi identificado. Miep e Bep foram submetidas a um severo interrogatório pelos civis nazistas, aos quais negaram que tinham ajudado ao pequeno grupo, enquanto permaneceram escondidos. Dessa maneira, foram liberadas. O Sr. Voskuijl, pai de Bep, morreu antes do local ser descoberto devido a um câncer em estágio avançado.

Victor Kugler e Jo Kleiman foram para uma prisão em Amsterdã. No dia 1º de setembro de 1944, foram transferidos, sem julgamento, para um campo em Amersfoort (Holanda). Kleiman, em virtude dos problemas de saúde, foi solto em 18 de setembro de 1944. Continuou em Amsterdã até sua morte, em 1959. Kugler conseguiu fugir da prisão em 28 de março de 1945 [...] emigrou para o Canadá em 1955 e morreu em Toronto em 1989. Elisabeth (Bep) Voskuijl morreu em Amsterdam em 1983. Miep Santrouschitz Gies morreu em 10 de janeiro de 2010; seu marido Jan Gies morreu em 1993 em Amsterdã (FOLMAN, 2017, p. 152).

Os oito escondidos foram levados num carro para a sede da Gestapo onde são interrogados. No dia seguinte, Anne Frank e os restantes são transferidos para uma Casa de Detenção superlotada, Huis van Bewaring em Weteringschans (MULLER, 1998). Depois foram transferidos para o principal campo de triagem de judeus no norte da Holanda, Westerbork. Logo após, foram enviados em vagões usados para o transporte de gado, numa viagem longa e em compartimento superlotado e insalubre, ao campo de concentração Auschwitz, na Polônia. Segundo Rachel Frankfoorder, sobrevivente dos campos de concentração de Bergen-Belsen e Theresienstadt, os Frank foram mantidos nos galpões “S” (galpões de punição), durante o mês que permaneceram em Westerbork (campo de passagem nos Países Baixos). Eles se instalaram no galpão de número 67 não como prisioneiros comuns, mas como internos acusados de um crime, pois não haviam se apresentado para a deportação, vivendo na clandestinidade. Apesar das circunstâncias, Anne Frank demonstrou disposição para os serviços internos que era obrigada a executar no campo de Westerbork.

No galpão “S” também conheci a família Frank: Otto Frank, sua esposa e duas filhas. Otto me procurou com Anne Frank e perguntou se ela poderia me ajudar. Anne Frank era muito gentil e também perguntou se poderia me ajudar. Disse: “Posso fazer qualquer coisa. Sou muito habilidosa”. Era uma garota muito doce [...] estava um pouco mais velha do que naquela foto que todos nós conhecemos, alegre e bem disposta. Infelizmente, a decisão não era minha. Apresentei-a às pessoas responsáveis pelo galpão. Era o máximo que eu podia fazer (FRANKFOORDER. In: LINDWER, 2015, p. 78).

Nesse período, a diarista trabalhou no setor das baterias, essa era uma tarefa comum entre as mulheres daquele campo.

Fomos colocadas para trabalhar nas baterias. Nossa tarefa consistia em remover o linhito das baterias. Já tínhamos recebido um avental azul escuro com a parte de cima vermelha e tamancos de madeira. Tínhamos que entregar nossas roupas na entrada. Todos os dias, formávamos fila para ir à seção das baterias. Ficávamos cobertas com a poeira marrom que se espalhava pelo ambiente e precisava ser juntada e colocada em latas enormes. Era horrível (NAARDEN. In: LINDWER, 2015, p. 139).

Em 3 de setembro de 1944, Anne Frank, sua família e seus companheiros foram levados para o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau. No comboio, havia 498 homens, 442 mulheres e 79 crianças, totalizando cerca de 1019 pessoas. Na chegada a Auschwitz, entre 5 e 6 de setembro, homens e mulheres foram separados. No local, eles passaram imediatamente por um processo de seleção com Josef Mengele, conhecido entre os judeus como “Anjo da Morte”. Ele era guarda da SS e um dos médicos nazistas que indicava quem iria para o grupo da direita ou da esquerda. As pessoas do grupo da esquerda iriam ser mortas naquela mesma noite – 549 pessoas morreram asfixiadas pelo gás naquele dia. O destino era as câmaras de gás de Auschwitz-Birkenau ou as terríveis experiências de medicina, em que vários judeus se tornaram cobaias. O grupo da direita iria trabalhar a quantidade de tempo que aguentasse, eram os trabalhadores não pagos (LINDWER, 2015).

As mulheres, que não foram selecionadas para o extermínio, eram obrigadas a caminhar até o campo de concentração feminino Birkenau, entre elas, estavam Edith Hollander, Margot e Anne Frank. A chegada ao centro de confinamento sempre era acompanhada por uma onda de violência física e moral. Foram dispostas em filas de acordo com a ordem alfabética de seus nomes, tiveram suas roupas brutalmente arrancadas, seus corpos foram depilados e tiveram seus cabelos raspados. Anne Frank não fugiu a essa regra, a menina que possuía belos cabelos estava diante do horror experimentado nos campos de concentração nazista. Seus braços foram tatuados ganhando um número, que era a sua nova identidade (LINDWER, 2015).

Margot e Anne Frank permaneceram quase dois meses em Auschwitz-Birkenau, no chamado *Kratzblockou* “galpões da sarna”. Sua mãe entrou em total desespero, pois, não podia estar com as filhas, contando apenas com a solidariedade que existia entre as mulheres de Auschwitz para poder alimentar as meninas. A prisioneira Lenie De Jong-Van Naarden, que conviveu com Edith Hollander, comentou em depoimento como se dava o

contato entre mãe e filha:

Com ela, escavei um buraco sob a parede de madeira do galpão onde as meninas estavam. O chão era de terra úmida, então dava para cavar um buraco se você tivesse força. E eu tinha. A senhora Frank ficava ao meu lado, perguntando: “Está dando certo?” “Sim”, eu respondia. Escavei abaixo da madeira e, através do buraco, podíamos conversar com as meninas. Margot pegou o pedaço de pão que passei por ali e as duas o dividiram. Logo depois, fomos para o transporte e elas ficaram para trás. Depois, foram enviadas, doentes, a Bergen-Belsen [...] A senhora Frank não foi conosco no transporte, nem com as meninas. Ela ficou para trás, em Auschwitz (NAARDEN. In: LINDWER, 2015, p. 149).

No galpão da sarna, além da doença, as irmãs tinham que lutar por sua sobrevivência contra a temida seleção de Mengele. Deveriam ficar de pé diante dele, e tentar parecer o mais cheias de vigor possível, o que àquela altura já era algo impossível às duas garotas. Ronnie Goldstein-Van Cleef, que também esteve próximo das meninas no campo, testemunhou:

As irmãs Frank estavam com uma aparência terrível, as cabeças e os corpos cobertos por marcas e inchaços, causados pela sarna. Elas aplicavam um pouco de sálvia, mas infelizmente não podiam fazer muito. Estavam em estado lastimável, penoso era assim que eu as via. Não tinham roupas; tudo havia sido tirado de nós. Estávamos deitadas ali, nuas, debaixo de uma espécie de cobertor. Duas dividiam o mesmo cobertor, deitadas em uma cama de solteiro (CLEEF. In: LINDWER, 2015, p. 177-178).

Em 6 de janeiro de 1945, Edith Hollander morreu vítima do sofrimento e da exaustão em Auschwitz-Birkenau e suas filhas foram enviadas para Bergen-Belsen. Neste campo, as condições de vida e de higiene eram deploráveis, havendo escassez de comida e superlotação. A saúde dos prisioneiros era muito debilitada para terem forças para suportar tudo aquilo. Por esse motivo, as pessoas não paravam de sucumbir; as doenças impregnavam o lugar. Por todos os ambientes tinham cadáveres espalhados e os prisioneiros morriam todos os dias e noites. Em meio ao caos de Bergen-Belsen, Anne Frank encontrou um sopro de esperança e alegria ao reencontrar uma de suas melhores companheiras no liceu judaico, Nanette Blitz Konig. Esta é uma sobrevivente dos horrores do campo de extermínio, e relatou o seu emocionante reencontro com a amiga do colégio. Nessa época, Anne Frank e sua irmã não sabiam que sua mãe não tinha sobrevivido a Auschwitz-Birkenau, mantendo a esperança de achá-la viva, também não sabiam do destino de seu pai, o que aumentava a angústia delas.

Não me contive de ansiedade e felicidade e gritei: “Anne!”. Ela ouviu seu nome ser chamado, talvez se perguntando de onde estaria vindo aquele som que lhe era familiar, e virou seu rosto em minha direção com aqueles olhos e sorriso que eu tanto havia visto no Liceu Judaico. Foi um momento muito emocionante! Ela estava envolta em um cobertor, pois não aguentava mais os piolhos na sua roupa, e tremia de frio. Corremos para nos abraçar, e lágrimas caíam dos nossos rostos, lágrimas que possuíam todos os sentimentos misturados: lágrimas de alegria e alívio por termos nos encontrado naquele ambiente sem vida, lágrimas pela situação deprimente em que estávamos, lágrimas, também, porque naquele momento nós duas estávamos sem nossos pais, sem nenhuma proteção. Ainda é um mistério para mim como pudemos nos reconhecer: dois esqueletos naquele lugar em meio a tantos outros que não conseguiram se diferenciar. Mas os olhos conhecidos não negaram o passado comum, e não havia dúvidas de que estávamos juntas ali. Permanecemos um tempo abraçadas, talvez porque também naquele momento precisávamos mais do que nunca de calor humano. Estávamos não somente com fome, tristes, devastadas, mas também clamando por humanidade (KONIG. In: LINDWER, 2015, p. 59).

Além de Nanette, Anne Frank reencontra outra amiga, Hannah Elisabeth Pick-Goslar que aparece diversas vezes em seu diário com o pseudônimo de “Lies Goosens”. Tiveram uma infância bem parecida, ambas tinham quatro anos em 1933 quando fugiram da Alemanha para a Holanda. Foram vizinhas em Merwedeplein, na região sul de Amsterdã, onde cresceram juntas e suas famílias tinham uma relação muito próxima. Elas frequentaram juntas o jardim de infância, a escola primária e o ginásio, até o momento em que a família Frank foi para o esconderijo, em julho de 1942. Só voltaram a se ver no início de 1945, quando pouco antes da morte de Anne Frank, conversaram algumas vezes cada uma de um lado da cerca de arame farpado em Bergen-Belsen.

Anne aproximou-se da cerca de arame farpado. Não pude vê-la. A cerca e a palha nos separavam. Não havia muita luz. Talvez eu tenha visto sua sombra. Não era a mesma Anne. Ali estava uma garota cansada, abatida. Eu também provavelmente estava assim, mas era tão terrível. Anne começou a chorar imediatamente e então me contou: “Não tenho mais meus pais”. Lembro-me disso com a mais absoluta clareza. Era terrivelmente triste porque ela não sabia de mais nada. Pensava que seu pai havia sido logo enviado para a câmara de gás [...] então ficamos ali, duas garotas jovens, e choramos. Ela me contou que Margot estava seriamente doente e falou sobre o esconderijo porque, é claro, eu estava muito curiosa [...] Depois, Anne falou: “Não temos nada para comer aqui, quase nada, e estamos com frio. Não temos roupas. Emagreci muito e eles raspam a minha cabeça”. Aquilo era terrível para ela. Anne sempre teve muito orgulho dos cabelos. Talvez tivesse crescido um pouco naquele meio tempo, mas certamente não era tão longo quanto fora antes, quando ela brincava de fazer cachos com os dedos. A situação deles era muito pior

do que a nossa. “Eles não levaram nossas roupas”, falei. Aquele foi nosso primeiro encontro (PICK-GOSLAR. In: LINDWER, 2015, p. 29-30).

A epidemia de tifo que irrompeu no campo de Bergen-Belsen, de 1944 a 1945, matou milhares de prisioneiros. Margot e Anne Frank morreram em março, vitimadas igualmente pela doença. A jovem Margot caiu da sua cama morta, já não tinha mais forças nem para se levantar, e Anne Frank, perdeu o único fio de esperança que ainda restava com a morte da irmã, falecendo poucos dias depois. Provavelmente seus corpos foram enterrados nas valas comuns de Bergen-Belsen. Quanto aos outros integrantes do anexo secreto, Otto Frank dá um depoimento sobre o seu fim trágico.

Herman Van Daan, segundo o testemunho de Otto Frank, morreu na câmara de gás de Auschwitz, em outubro ou novembro de 1944, pouco depois, as câmaras foram desativadas. Auguste Van Daan foi transportada de Auschwitz para Bergen-Belsen, e daí para Buchenwald [...] é certo que não sobreviveu. Peter Van Daan foi obrigado a participar da marcha da morte, em 16 de janeiro de 1945, de Auschwitz até Mauthausen (Áustria), onde morreu em 5 de maio de 1945, três dias antes de o campo ser libertado. Albert Dussel morreu em 20 de dezembro de 1944 no campo de concentração de Neuengamme, para onde fora transferido de Buchenwald (FOLMAN, 2017, p. 152).

Depois de Auschwitz ser libertado pelas tropas russas, Otto Frank, único sobrevivente do anexo, foi repatriado a Holanda. Ele viveu em Amsterdã entre os anos de 1945 e 1953, e depois se mudou para a Basileia, na Suíça, onde morava seus irmãos. Otto Frank se casou com Elfriede Markovits Geiringer, também uma sobrevivente de Auschwitz (FOLMAN, 2017, p. 153). O pai da diarista sabia do desejo que sua filha tinha de publicar o diário e, por isso, decidiu transformá-lo em um símbolo da resistência judia. O sonho de Anne Frank de se tornar uma escritora, interrompido pela tragédia da guerra, foi um dos motivos pelos quais Otto Frank publicou o caderno, em 1947. Para salvaguardar a vida de sua filha do esquecimento, em 1963, ele criou a fundação Anne Frank Fonds (AFF) na Suíça. Essa organização é a única proprietária dos direitos autorais dos arquivos da família e responsável em publicar o livro.

4. O gênero diário e o testemunho histórico

O Diário de Anne Frank tem um enorme valor como documento histórico, sendo considerado um dos livros mais importantes do século XX e patrimônio da humanidade

pela UNESCO. Escrito durante um momento de grande abalo emocional, ele é uma produção resultante do choque e do trauma provocado pelo nazismo. Todavia, como evidência histórica, essa escrita íntima precisa ser analisada com cuidado.

Ao trabalhar com escritas pessoais, o pesquisador deve problematizar a fonte, tendo em vista que ela não é portadora da verdade absoluta e, portanto, as informações devem ser cruzadas com outras documentações. É importante interpretarmos os diários como escritos que reinventam a realidade; logo, o que um diarista nos diz sobre a sociedade é construído em parte através de sua ótica, da sua narração particular.

Os diários se constituíram como um registro de memória individual, modos típicos da escrita de si feminina, desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, servindo como um instrumento para a construção do seu eu interior, uma maneira de escapar da realidade opressora em que a maioria delas viviam (BORGES, 2002, p. 116). Os cadernos íntimos tradicionalmente são práticas culturais pertencentes às classes sociais mais ricas. “Escrever um diário foi sempre uma atividade característica das filhas da nobreza e da burguesia, mas, em uma certa medida, a prática se espalhou ‘para baixo’, de modo análogo ao sistema educacional” (LEJEUNE, 1997, p. 105).

Embora cada diário seja único, todos trazem o mesmo tipo de testemunho, a relação da experiência vivida, que é desenvolvida ao longo do tempo, com a sociedade em que a diarista está inserida. As escritas de si, assim como as cartas e as autobiografias têm se tornado um importante documento para analisar o contexto social e o momento histórico em que foram elaboradas. O diário não é apenas um elemento privado, mas também cultural. Ele é múltiplo, trazendo questões sociais, familiares e religiosas. Segundo Vavy Pacheco Borges, o ato de escrever neste tipo de gênero se tornou uma ação civilizadora:

Assim o diário tornou-se um “fato de civilização”: é uma interrogação do indivíduo sobre sua nova posição no mundo, para reencontrar seu equilíbrio, típico de uma época de transição. Todas essas mudanças geraram um sentimento novo da pessoa, pois a noção de pessoa é diversa em tempos e/ou espaços diferentes. São os escritos na primeira pessoa – o “eu” – além dos diários, também as memórias e autobiografias, que melhor testemunham essas transformações. Isso se deu numa temporalidade ampla que desembocou no individualismo ocidental contemporâneo (BORGES, 2002, p. 117).

A relação entre Anne Frank e seu diário é tão intensa, que quase nos faz acreditar na existência física do caderno, personificado na imagem de Kitty. A folha diária é atribuída

desejos, emoções e escutas que fazem transparecer uma figura de carne e osso. Kitty é uma amiga, produzida em meio ao choque histórico e fundada na imaginação. Em seu caderno íntimo, a diarista compartilha sentimentos, reflexões acerca de si e de sua família e posteriormente sobre os horrores da guerra. Durante o relato, a autora revela toda sua sensibilidade e as angústias de uma jovem que viveu uma adolescência conturbada e em clausura. Sem dúvidas, o diário a ajudou a suportar o sofrimento e a lidar com o isolamento.

É preciso destacar que os diários não eram utilizados como objeto de estudo. Segundo Maria Teresa Cunha, os diários não eram bem vistos pela historiografia, pois, se constituíam como fontes não científicas e dotados de muitas emoções. A emergência de se estudar essas fontes ordinárias se deu a partir da década de 1980, no âmbito da História Cultural, que passou a observar esses documentos pessoais como portadores e construtores de sensibilidades (2011, p. 252). O estudo desses textos privados requer o preenchimento de três pontos específicos: “encontrar os diários; aprender como lê-los e aprender como falar sobre eles” (LEJEUNE, 1997, p. 100). Os diários íntimos não permitem uma leitura rápida, porque nem sempre a condição material dos manuscritos e a forma de escrever facilitam a compreensão: há o problema das caligrafias grandes ou muito pequenas, das letras inclinadas, e da cor muito clara da tinta, desbotada pelo tempo. Encontrar esses cadernos íntimos não é igualmente tarefa fácil, tendo em vista que muitos deles são escritos para ficar em segredo ou são sobreviventes de situações desfavoráveis para a sua preservação. O Diário de Anne Frank se enquadra nesse perfil, sendo encontrado por Miep Gies no chão do anexo em meio ao lixo.

O trabalho com diários pessoais exige do pesquisador um exercício interpretativo diferenciado, pois irá lidar com papéis que venceram o tempo, o fogo e, muitas vezes, até o lixo. Seguramente, não são muitos os exemplares que escapam a esse destino, daí certa dificuldade de acesso a tais materiais por parte dos pesquisadores. Traços duráveis do passado, quando surpreendentemente guardados, movimentam-se, pelas mãos dos historiadores, do espaço privado para a visibilidade pública (CUNHA, 2011, p. 252).

Vale dizer que o diário da jovem Frank é uma obra póstuma e passou por várias revisões, o que problematiza ainda mais a sua investigação. O texto foi revisado pelo pai da autora, Otto Frank, por historiadores e escritores; e até pelos próprios editores do livro. Uma das consequências dessas releituras é que várias partes do manuscrito original foram

retiradas. Talvez uma das maiores dificuldades sobre a obra de Anne Frank diz respeito às suas várias versões⁵. Alguns críticos e estudiosos do tema discordam quanto ao seu número.

Em sua dissertação, Marta Magalhães dos Santos (2012) explica que foram desenvolvidas cinco versões do diário: (A) a versão original e (B) a variante revisada pela própria autora. Em 29 de março de 1944, ela tinha ouvido no rádio que um membro do governo holandês iria reunir, depois da guerra, os diários, cartas e testemunhos pessoais do sofrimento do povo holandês sob ocupação alemã. A diarista, com a preocupação de que o seu diário um dia poderia ser lido por outras pessoas e publicado, começou a alterar algumas passagens melhorando o seu texto. Isso mostra que os seus escritos não eram espontâneos ou puramente inocentes, mas eram carregados de intencionalidades. Uma terceira versão (C), chamada “O Anexo Secreto” (1947), foi editada por Otto Frank. Seu conteúdo é bem mais curto e reúne partes dos modelos (A) e (B), omitindo detalhes considerados desnecessários pelo pai da escritora, como as reflexões acerca de sua sexualidade, a relação com a mãe e as opiniões menos lisonjeiras sobre as pessoas que viviam no esconderijo. A quarta versão (D) - *O Diário de Anne Frank: a Edição Crítica* (1986) -, contém não apenas as variantes anteriores, mas também artigos sobre os antecedentes da família Frank, as circunstâncias à volta da sua prisão e deportação; e o exame da caligrafia da escritora. Este texto surgiu como resultado de uma polêmica acerca da autenticidade do diário e, dessa forma, o Instituto de Documentação de Guerra pediu uma investigação minuciosa. Assim que se provou, sem sombra de dúvida, que o diário era genuíno, foi publicado na sua totalidade, juntamente com os resultados de um estudo exaustivo. A última modificação (E): *Diário de Anne Frank – Versão Definitiva*, reúne mais 30% de material do que a versão mais popular (B) e faz uma junção deste com (A). Sua confecção foi publicada pela Fundação Anne Frank Fonds, que decidiu então lançar uma versão nova e alargada do diário para os leitores em geral (SANTOS, 2012, p. 23-24).

Já Andréia Moroni (2003), em seu artigo “A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank”, defende que o diário possui três versões. (A) Em seis meses, o primeiro caderno de Anne Frank estava completo e ela passou para um segundo, que se perdeu, e em seguida para mais dois. Esses registros eram feitos conforme o transcurso dos dias. Mas, depois de ouvir um apelo pelo rádio, incentivando os cidadãos a preservarem qualquer documento contendo história e memória de guerra, em dois meses e meio, a jovem revisou

⁵ A versão utilizada para a realização deste artigo é o diário editado e autorizado pela Fundação Anne Frank Fonds.

fervorosamente seu diário, reescrevendo 324 páginas, talvez como base para um romance. A versão revisada pela diarista, já considerando a possibilidade de publicação, é conhecida como a versão (B). Nessa variante, a diarista reescrevia e passava a limpo as anotações que havia feito, corrigindo alguns parágrafos, eliminando outros e adicionando dados resgatados da memória, ao mesmo tempo em que acrescentava novas informações. Após a morte da escritora, Otto Frank decidiu publicar a obra com muitas alterações, a versão (C), na qual, como foi explicado acima, teve muitas passagens suprimidas. Lançada pela primeira vez na Holanda, em 1947, com 1.500 exemplares, esse foi o caderno que conferiu popularidade a obra e a história de Anne Frank (MORONI, 2003, p. 8-9).

A decisão de suprimir certas partes do diário não deve ser atribuída exclusivamente a Otto Frank. Certamente, foi ele quem primeiro decidiu quais passagens excluir, mas não foi o único a notar que deveria publicar uma versão abreviada dos textos. A partir dessas variantes observamos o quanto esse tipo de fonte pode sofrer modificações ao longo da história, ainda mais quando ganha o formato de um volume. Além das imposições que podem ser feitas pelas editoras para enquadrar o livro em determinados parâmetros editoriais, o próprio suporte é transformado: são outros papéis, outros cadernos e outras letras. Estas não mais escritas a punho, mas se apresentando nas formas digitais. Em face de tantas modificações nos escritos íntimos da jovem Frank, o historiador deve ter consciência de que os manuscritos originais da jovem escritora sofreram várias manipulações. Portanto, o diário não é uma peça única e o pesquisador deve se atentar que, ao fazer uso desse documento, ele está utilizando uma versão específica. Sobre as passagens retiradas pelo pai da diarista:

Quando se publicou o livro em 1947, não se costumava tratar com tanta liberdade temas sexuais na literatura, menos ainda nos livros para jovens. Outro motivo importante pelo qual não se incluíram determinados parágrafos ou certas formulações é que Otto Frank queria respeitar a memória de sua mulher e dos outros integrantes escondidos no Anexo Secreto (MORONI, 2003, p. 9).

A diarista possuía um olhar muito aguçado e questionador sobre o mundo a sua volta, transbordando compaixão, humor e tristeza com um grau de autoconsciência que raramente é visto em uma garota de treze anos. Seus anseios e sua visão crítica se chocavam com os valores morais da época, sua franqueza aflorada era motivo de calorosas discussões no anexo: “quero progredir; não posso imaginar que minha vida seja igual à de mamãe, à da sra. Van Daan e à de todas as mulheres que realizam seu trabalho e são solenemente

esquecidas. Quero ter algo mais que marido e filhos. Quero me dedicar a algo que me realize como pessoa” (Diário, 1944, p. 137).

Em seu caderno íntimo, encontramos indícios dos motivos que levaram a jovem a se dedicar a uma escrita privada. Num primeiro momento, escrever era uma forma de entretenimento - uma menina contando a sua “amiga” os fatos cotidianos de sua vida, um passatempo para dias em tensão. Outro motivo era que escrever se traduzia num desabafo sobre o isolamento, a depressão, os amores as frustrações familiares etc. Uma terceira razão era que o diário se transformou numa espécie de ensaio para a futura escritora. Nele, é registrado poesias, contos e expectativas profissionais que giravam em torno de uma arte de escrever.

Quero estudar para não vir a ser uma tola, quero ir para a frente e me tornar jornalista, pois isso é o que desejo ser! Sei que posso escrever, algumas de minhas histórias são até boas, minhas descrições do Anexo Secreto são engraçadas, em meu diário há muita coisa interessante, mas resta saber se tenho talento mesmo. *O sonho de Eva* é meu melhor conto de fadas, e o mais estranho é que não sei de onde o tirei. Muita coisa em *A vida de Cady* é boa, mas o todo não me agrada muito. Sou a melhor e a mais exigente crítica de meus próprios trabalhos. Sei perfeitamente o que está e o que não está bem escrito. Quem não escreve não sabe a maravilha que é; antigamente eu costumava queixar-me por não ter jeito para desenhar, mas agora estou mais feliz porque, pelo menos, sei escrever. Se não tiver talento para escrever livros e artigos de jornal, de qualquer forma, sempre poderei escrever para mim mesma (Diário, 1944, p. 137).

Anne Frank, devemos enfatizar, faz do seu caderno um esboço literário, e não simplesmente uma obra de memória. Isso pode ser visto ao longo de suas anotações: “imagine que interessante seria se fosse publicado o romance do Anexo Secreto” (Diário, 1944, p. 134). A jovem queria escrever bonito para impressionar seus futuros leitores e, por isso, lia o seu texto constantemente e refazia algumas passagens. O diário não é uma escrita contínua e linear, havendo nele espaçamento de tempos. Há momentos em que a autora passa meses sem pegar os seus registros privados, algumas anotações seguem em dias corridos e várias outras impressões são apresentadas em datas alternadas. Além disso, existem vários silêncios e não-ditos em sua escrita. Muitas palavras foram revisadas e apagadas pela própria Anne Frank, como podemos entrever no trecho em que tenta persuadir os seus possíveis leitores: “P. S. A leitora leve em consideração que, ao escrever estas linhas, a autora ainda não conseguira amainar sua fúria!” (Diário, 1943, p. 69).

Por fim, o diário da menina Frank é uma evidência histórica, um testemunho do terror. Ele traz fatos históricos importantes para serem analisados pelo pesquisador, além de

ser um elemento construtor de sensibilidades e emoções, como a constante expectativa e a esperança dos moradores do anexo pelo final da guerra. Além desse sentimento, a diarista retrata sua comoção com a realidade das crianças de rua e em idade escolar. Seu registro relata a fome e amiséria provocadas pelo conflito, fala da precária alimentação e das poucas vestimentas de quem sofre com o frio em tempos de guerra. Em suma, sua escrita íntima fornece uma imagem histórica e traumática das vítimas do nazismo.

As crianças que passam por aqui usam apenas uma blusa leve e tamancos; nada de casaco, gorro, meias. Ninguém se importa com elas. Seus estômagos estão vazios, e elas mastigam uma cenoura velha para acalmar a fome. Saem de suas casas geladas para a rua gelada e, quando vão para a escola, reúnem-se em uma sala de aula mais fria ainda. Sabe, as coisas vão mal aqui na Holanda, e não se conta o número de crianças que param os transeuntes na rua para pedir um pedaço de pão. Eu poderia ficar lhe falando durante horas sobre os sofrimentos causados pela guerra, mas isso só me tornaria ainda mais infeliz. Nada podemos fazer a não ser esperar que todas essas desgraças cheguem ao fim. Judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera. E há os que esperam pela morte (Diário, 1943, p. 47-48).

Através do registro das transmissões de rádio que os moradores do anexo ouviam, é possível ao historiador obter informações valiosas. Além do rádio, outros meios de conseguir notícias sobre os rumos da guerra, e sobre o que acontecia fora do esconderijo, eram os jornais que recebiam de seus ajudantes. Esses relatos mostram um leque de acontecimentos históricos, que permite ao historiador fazer uma análise minuciosa de como era vivenciada tal época, seus momentos de tensão e de alívio. É possível encontrar registros de fatos importantes que aconteceram em diversos países, como as vitórias de Moscou durante o conflito, a ocupação da Hungria pelas tropas alemãs, a resistência da cidade de Stalingrado contra o exército nazista, e a localização da frente russa próximo à fronteira polonesa. O diário também traz anotações sobre os bombardeios que incidiram no decorrer da guerra, como os ataques a costa francesa e a tomada de Roma pelo quinto exército alemão. Devemos dizer que as informações, transmitidas pelo aparelho, valem mais pela maneira como elas foram recebidas e interiorizadas pelo grupo clandestino, do que pelos eventos em si, que podem ter sofrido modificações ao ser traduzidos do rádio ao papel.

Como se não bastassem os boletins noticiosos da WERMACHT alemã e da BBC inglesa, apresentam agora Notícias Especiais sobre Bombardeios. Por um lado, magnífico, por outro, desapontador. Os ingleses falam de seus ataques aéreos ininterruptamente, com o mesmo entusiasmo que os alemães usam para dizer suas mentiras. O rádio, portanto, é ligado de

manhã cedo e ouvido o dia inteiro, até nove, dez e até mesmo onze horas da noite (Diário, 1944, p. 132).

Outro marco histórico importante registrado pela diarista com grande entusiasmo é o ataque sofrido por Hitler, em julho de 1944: “agora estou ficando realmente esperançosa. Finalmente as coisas vão bem, muito bem mesmo! Houve um atentado contra a vida de Hitler, e desta vez não foi ato de judeus comunistas ou capitalistas ingleses; foi um orgulhoso general alemão, e o principal ele é conde e bastante jovem” (Diário, 1944, p. 181). O diário traz a exaltação da imagem de Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, que se consolidou como um forte combatente contra o nazismo: “e preciso que eu mencione uma brilhante exceção: um discurso admirável de nosso bem amado Winston Churchill” (Diário, 1944, p. 132). Anne Frank registra fatos de personagens emblemáticos da história como Mahatma Gandhi: “Pim espera a invasão a qualquer instante, Churchill teve pneumonia, mas está se recuperando devagar. Gandhi, o indiano que tanto ama a liberdade, está fazendo seu décimo ou mais jejum em sinal de protesto” (Diário, 1943, p. 49).

O gênero diário oferece ao historiador um panorama amplo da interação entre o sujeito e o mundo a sua volta. Na escrita *de Anne Frank*, esse diálogo é evidenciado através de diversas reflexões sobre o período traumático da Segunda Guerra Mundial e a realidade pessoal e aprisionada da jovem. Enfim, o caderno íntimo da diarista traz uma multiplicidade de elementos que o historiador e um estudioso da literatura podem investigar. No entanto, nessa ligação entre o interno e o externo, entre o imaginário e o real, na rede de palavras que unem os diversos assuntos da diarista existem uma temática e uma operação fundamental, que é a da resistência.

5. O diário de Anne e a resistência judaica

Segundo Bosi (2002, p. 118), “a resistência é um conceito originalmente ético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir/*; o antônimo familiar é *de/sistir*”. Nessa perspectiva, *O Diário de Anne Frank* é uma produção da resistência, pois é uma literatura que sobreviveu à violência do holocausto e à guerra.

O termo “resistir” é múltiplo, podendo ocorrer pela via indireta (atos como se

esconder, mentir, descumprir as regras, burlar decretos, fingir obediência por exemplo); ou por meio direto como a militância armada e a guerrilha. Kinoshita (2015, p. 20) comenta que desde o começo da ocupação nazista, os judeus utilizaram diversas táticas de luta, dentre as quais a resistência cultural, em que se observa a persistência, apesar da proibição, de várias produções artísticas: peças teatrais, romances, poesias, músicas, memórias e cadernos íntimos.

As medidas de resistência adotadas pelos ocupantes do anexo secreto e seus amigos externos não se davam pelo conflito direto, mas por meio de estratégias silenciosas, e diversas formas de solidariedade. Insistir em viver, em sorrir, em confraternizar, em furar as normas nazistas são modos de lutas legítimos, dentro de um regime cujo cerne era o terror. Qualquer condição humana foi negada aos judeus. As proibições nazistas eram claras, não havia possibilidade de estabelecer um diálogo entre opressor e oprimido, sem a linguagem da violência moral, física e religiosa, que se refletia na agressão, no abuso do corpo do outro, na fome, na miséria, nas doenças e, por fim, na morte. A resistência organizada na clandestinidade foi a estratégia utilizada por muitos judeus para garantir a sua sobrevivência e a continuidade como povo.

Na tentativa de assegurar a manutenção da vida e sua dignidade humana, frente a um processo contínuo de degeneração do homem, os judeus estabeleceram alguns princípios fundamentais de sobrevivência que nortearam a vida em comunidade, permitindo o estabelecimento de novas organizações e o reajuste de antigas estruturas – a religiosa e a comunitária – às necessidades do momento (SOUZA, 2013, p. 56).

Essa obstinação acontecia às ocultas, um mundo à parte. Nos porões, nos sótãos, nos guetos, nos abrigos e orfanatos havia focos de resistência. Esta, fosse organizada ou mais improvisada, era uma forma de poder, transformando o indivíduo enclausurado e reprimido em sujeito ativo, que se opõe as situações que degradavam a sua condição humana. Havia um esforço contínuo da comunidade judaica em manter serviços sociais, organização política, e a vida religiosa na clandestinidade. Foi nesse cenário que os ocupantes do anexo secreto puderam contar com a solidariedade e a amizade que havia dentro e fora dele.

Partir para a clandestinidade não foi um fato isolado à família Frank. Sem dúvidas, esse foi um dos casos que ganhou maior notoriedade no contexto da Segunda Guerra Mundial. Mas, a exemplo dessa realidade, temos o episódio de uma das amigas de infância da diarista, Bloeme Evers Emden, que comenta: “fiquei na clandestinidade durante quinze

meses, entre maio de 1943 e agosto de 1944. Depois de duas semanas na Haagse Veer, a prisão de Roterdã, um transporte para Westerbork me esperava” (EMDEN. In: LINDWER, 2015, p. 124). Outra sobrevivente, Rachel Frankfoorder, relatou qual era sua ocupação e atividades quando estava na ilegalidade: “trabalhei na Resistência durante a guerra. Consegui garantir cupons de racionamento por meio de um contato em uma instituição de trocas em Damrak. Eu entregava esses cupons às pessoas que buscavam esconderijo – judeus e não judeus” (FRANKFOORDER. In: LINDWER, 2015, p. 77).

Embora expressamente proibidas, as práticas como a religião e a educação foram cultivadas em segredo. Ensinar e aprender eram atos perigosos para os judeus, mas essas práticas persistiram, como o diário de Anne deixa evidente. Ainda que escondida, a jovem escritora continuou com sua rotina de cursos e disciplinas; e registrou em seu caderno íntimo o cronograma de aulas. “*Aulas* — Uma aula de estenografia por semana. Inglês, francês, matemática e história, todos os dias” (Diário, 1942, p. 40). No pequeno anexo, o quarto de dormir se transformava em local de estudo; e o rádio virava um instrumento para aprender o inglês. A arte e a informação se mostraram sempre requisitos necessários à própria existência dos moradores do esconderijo. Apesar das circunstâncias extremas, com a liberdade de expressão vedada, as pessoas desejavam ouvir música, ler seus livros e jornais, mesmo que clandestinamente, e esse era um privilégio concedido aos ocupantes do anexo secreto a partir da colaboração e solidariedade de seus ajudantes.

Anne Frank relata:

Miep parece até uma burrinha de carga, tanta coisa ela leva, e quase todos os dias consegue comprar alguns legumes que traz em uma sacola de compras, na bicicleta. Esperamos ansiosamente os sábados, que é quando nos trazem os livros. Parecemos crianças recebendo presentes. A maioria das pessoas simplesmente não conseguiria compreender o que os livros significam para nós, trancados aqui dentro. Ler, aprender e ouvir rádio, são os nossos divertimentos (Diário, 1943, p. 62-63).

A diarista sempre almejou um futuro com grandes possibilidades, quando a guerra terminasse. Por isso, ela realizava um cronograma semanal de estudos e uma rotina de leitura excepcional. Ao longo dos dois anos em que permaneceu na ilegalidade, leu vários livros, possuindo um pequeno acervo. Dentre os quais, podemos destacar o livro de uma famosa escritora holandesa. “Não consigo largar de um livro chamado *The knock at the door*, de Ina Boudier-Bakker” (Diário, 1943, p. 52). Anne Frank tinha um grande interesse na mitologia greco-romana, estudou os mitos e histórias de Teseu, Édipo, Peleu, Orfeu, Jasão, Hércules, Míron e Fídias. Também estudou a Guerra dos Sete e dos Nove Anos.

Além de se ocupar com todos esses fatos históricos, a jovem era apaixonada por filmes e colecionava fotos de artistas de cinema. Algumas fotografias ainda podem ser vistas nas paredes do anexo (agora um museu), a exemplo de Deanna Durbin e vários outros (PICK-GOSLAR. In: LINDWER, 2015, p. 21). A escritora chegou a fazer cursos por correspondência. “Terminamos nosso curso de estenografia; agora começamos a praticar velocidade” (Diário, 1943, p. 54). Essas tarefas eram obtidas ilicitamente. Geralmente era Elli, uma amiga da família, que solicitava a alguma escola comercial esses exercícios. Toda essa rotina de atividades era uma forma de resistência pessoal, de assegurar a integridade de sua subjetividade, aliviando a tensão dos dias em confinamento.

Estou ocupadíssima no momento e, ainda que pareça incrível, não tenho nem tempo de dar conta de tudo o que tenho a fazer. Vou lhe contar, rapidamente, minhas atribuições. Até amanhã tenho que terminar a leitura de *Galileu Galilei*, que tem que ser devolvido à biblioteca. Comecei ontem, mas darei um jeito. A semana que vem terei que ler *Palestina nas encruzilhadas* e a segunda parte de *Galileu Galilei*. Acabei de ler ontem a primeira parte da biografia do imperador Carlos V e é importante que ponha em ordem todos os diagramas e árvores genealógicas que extraí desse livro. Tenho ainda três páginas de palavras estrangeiras tiradas de diversos livros, para serem escritas, aprendidas e decoradas. E há também as minhas estrelas de cinema, que estão na maior bagunça, pedindo arrumação; enfim, como uma arrumação dessas demoraria vários dias e a professora Anne está atarefadíssima com tanto trabalho, o caos há de continuar o caos (Diário, 1944, p. 161).

Os judeus utilizaram diversas formas de resistência, conforme as condições disponíveis, as oportunidades imprevisíveis e os locais de ação. Como afirma Kinoshita (2015, p. 20), “apesar de serem proibidos de frequentar as sinagogas, as escolas e os teatros, bem como de publicar jornais e revistas, essas atividades persistiram, ainda que sem periodicidade e com dificuldades imensas”. Escrever era do mesmo uma manifestação de luta, de encontrar a liberdade. A diarista até cogitou enviar algumas de suas histórias para o jornal, usando de pseudônimo. Procurava-se burlar o sistema repressivo de diversas maneiras e a imaginação era uma forma de escapar o terror da realidade. Seligmann-Silva explica que narrar o trauma se apresenta como condição de sobrevivência. A narrativa é elementar e necessária para romper com os muros e barreiras construídos pelo campo de concentração ou outra situação radical de violência. “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66). Com a escrita, Anne Frank revigorava a sua força:

Quando escrevo, liberto-me de tudo; minhas tristezas desaparecem, minha coragem renasce. Mas — e essa é a grande pergunta —, poderei algum dia escrever algo de realmente importante, ser jornalista ou escritora? Espero quesim, espero de todo o coração, pois quando escrevo recapturo tudo, pensamentos, ideais, fantasias, tudo... (Diário, 1944, p. 138).

Para que a resistência pudesse se manter ativa, a comunicação com as redes clandestinas, vindas de fora do esconderijo, era indispensável. E essa ilegalidade deu suporte ao contrabando que se tornou o principal meio utilizado para conseguir itens necessários à sobrevivência: alimentos, livros e vestuário. Além de manter os moradores do esconderijo informados com notícias da guerra, os amigos externos ao anexo também corriam um grande perigo ao comprarem produtos no mercado ilegal, tarefa que foi se tornando cada vez mais arriscada com o tempo. Os cidadãos não-judeus, que ajudavam os judeus a se esconder, poderiam ser executados imediatamente pelos nazistas caso fossem descobertos.

Em seu caderno íntimo, Anne Frank faz um registro do perigo que era comprar esses produtos ilícitos.

Dussel, indiretamente, pôs em perigo nossas vidas. Pediu a Miep que lhe trouxesse um livro proibido que ataca Mussolini e Hitler. Por acaso, no caminho, aconteceu que um carro das SS deu uma fechada em Miep. Ela perdeu a cabeça e gritou: "*Miseráveis desgraçados!*" E continuou pedalando. Nem quero pensar no que teria acontecido se eles a pegassem e a obrigassem a ir até a chefatura de polícia (Diário, 1943, p. 74, grifo nosso).

Outra forma de resistir, como explicita este trecho, era o uso de xingamentos, expressão da revolta e da insubordinação. A jovem escritora registra em seu diário detalhes da incrível movimentação do comércio clandestino. Apesar das proibições, diversas atividades continuaram funcionando. Em meio às terríveis condições de fome e miséria da população, as pessoas buscavam maneiras para sobreviver. Todos sem exceção faziam parte desse tipo de negócio, inclusive grupos de crianças largadas à própria sorte. “A mendicância e o contrabando tornaram um fenômeno crescente no meio dos mais jovens. Crianças arriscavam suas vidas em busca de alimento para si e para seus familiares” (SOUZA, 2013, p.13). Além de sustentar a comunidade, essas atividades deram espaço a uma grande onda de vandalismo na Holanda. O mercado ilegal funcionava como uma rede minimamente organizada de serviços diversos. Por causa da procura e da falta de gêneros alimentícios e outros artigos, os preços das mercadorias eram muito caros.

O que nos contam sobre os preços e as pessoas lá de fora é inacreditável! Duzentos gramas de carne custam trezentos e cinquenta florins, meio quilo de café, oitenta florins, meio quilo de manteiga, trinta e cinco florins, um ovo, um florim e quarenta e cinco. Paga-se quinze florins por uma onça de tabaco da Bulgária. Todo mundo negocia no mercado negro, qualquer menino de recado tem sempre algo a oferecer. O nosso padeiro arranhou linha para costurar a noventa centavos de florim o retrós, o leiteiro arranja cartões de racionamento clandestinos, o empreiteiro entrega queijos. Diariamente há roubos, assassinatos e arrombamentos. A polícia e os guardas-noturnos dedicam-se a eles com tanto empenho quanto os próprios criminosos: todo mundo quer encher a barriga vazia, e, uma vez que foram proibidos os aumentos de salário, as pessoas precisam mesmo é trapacear. A polícia vive procurando localizar meninas de quinze, dezesseis e dezessete anos que são dadas por perdidas, todos os dias (Diário, 1944, p. 157).

A obra é repleta de relatos sobre o câmbio ilegal. A diarista registrou uma variedade de serviços que eram encontrados nesse tipo de negócio. Afora as atividades de subsistência, havia a comercialização de objetos como máquinas de escrever, tapetes persas, relógios elétricos, tecidos etc. Todos esses itens eram roubados e posteriormente vendidos no comércio clandestino. Desde os produtos mais simples até os mais sofisticados poderiam ser encontrados nessas negociações. “Uma sola nova custa sete florins e meio no mercado negro; além do mais, sapateiro algum aceita conserto e, quando aceita, o freguês tem de esperar por muitos meses, durante os quais o sapato geralmente desaparece” (Diário, 1944, p. 134). A jovem aponta um episódio em que ganhou um presente especial vindo dessa rede clandestina. “Todos os olharesse voltam para meus pés calçados em um par de sapatos excepcionalmente elegantes (considerando-se os tempos). Miep conseguiu arranjá-los de segunda mão, por vinte e sete florins e cinquenta. São de camurça cor de vinho” (Diário, 1943, p. 74).

Na rede de solidariedade criada em torno do anexo, Kraler (nome real Victor Kugler) e Hermine Miep Gies (chamada apenas por Miep) eram os que carregavam o fardo mais pesado, porque tinham a responsabilidade de manter os moradores do local escondidos e de trazer as mercadorias e os alimentos que faltavam. Havia outros ajudantes indispensáveis: Koophuis (a saber Johannes Kleiman), Elli Vossen (na verdade, Bep Voskuijl) e o seu pai, senhor Vossen (Johan Voskuijl). Todos eram funcionário e amigos de Otto Frank como já foi dito. Aliás, os contatos dessas pessoas se ampliavam com a articulação de outras personagens anônimas, como a do verdureiro e os vendedores do mercado ilegal. Podemos notar que, com exceção de Miep e dos nomes dos parentes, os outros colaboradores receberam alcunhas fictícias no caderno. Os pseudônimos

ajudavam a manter em sigilo e em segurança a identidade verdadeira dos companheiros, caso os escritos fossem apanhados. Isso mostra como a escritora adolescente usava imaginação e da mentira literária em seu texto com a finalidade de proteger os seus amigos.

No diário não existe evidência para explicar o motivo pelo qual Anne Frank não atribuiu pseudônimo a sua amiga e a seus parentes, porém, isso não significa que a escritora demonstrasse desinteresse na proteção dos seus companheiros e familiares. No caso de Hermine Miep Gies, a diarista não usou nem o primeiro nome e nem o sobrenome, como é mais consensual num tratamento mais íntimo ou respeitoso. Talvez, utilizando o segundo nome, Miep, a autora acreditasse que Gies não fosse reconhecida. Ademais, por mais cuidado que a jovem tivesse na sua escrita, esta por se tratar de um gênero privado pode está mais sujeita a atos falhos. A intimidade do diário facilita certos deslizes, o que também pode explicar as citações dos nomes reais de seus pais e de sua irmã.

Miep trabalhava para o pai de Anne Frank desde 1933 e, junto com o seu esposo Henk van Santen (Jan Gies), auxiliou nos preparativos para que a família se escondesse no edifício. Ela era uma intermediária, sendo o ponto de contato entre o confinamento e o mundo exterior, ligando os clandestinos ao câmbio ilícito. Era a partir dessas relações que se conseguia comida, produtos higiênicos e artigos culturais para os residentes do esconderijo. Comprava verduras, livros, vestimentas, acessórios, cupons de ração; e levava tudo em sua bicicleta, geralmente aos sábados, para o anexo. Elli Vossen também ajudava a obter alimentos e roupa, mas era Miep quem mais estava presente.

Kraler continuou trabalhando no escritório, ao mesmo tempo em que protegia os inquilinos secretos. Ele ajudou a planejar o lugar e teve a ideia de colocar uma estante de livros diante da porta do anexo, para melhorar o disfarce. O senhor Vossen foi quem construiu o móvelsozinho. Koophuis também trabalhava no prédio e cuidava para que os curiosos ou algum estranho não aparecessem de surpresa na firma. Além disso, trazia sempre informações novas da cidade, sendo uma importante fonte de notícias. Se um membro dessa rede adoecesse ou não pudesse ajudar, toda a comunidade sofria, quer com a escassez de alimentos quer com o medo de serem descobertos. Cada notícia de prisão ou de enfermidade deixava o grupo de clandestinos mais apreensivo e isolado. Foi com horror que a diarista ficou sabendo sobre a prisão de um dos elos dessa corrente: o verdureiro. O homem foi preso por abrigar em sua casa dois judeus. Era ele quem fornecia as batatas e outros gêneros alimentício. Sem a sua ajuda, todos passaram a comer menos e a sentir fome (Diário, 1944, p. 166-167). Em uma passagem do diário, a escritora mostra a extrema

dificuldade em que vivia com os outros moradores, por causa do aprisionamento dos fornecedores dos cupons e da doença que se abatia sobre os seus amigos.

as pessoas que nos forneciam cupons foram presas: assim, fincamos apenas com nossos cinco cartões de racionamento, sem cupons extras, sem gorduras. Como Miep e Koophuis estão doentes, Elli não tem podido fazer compras, e a atmosfera, bem como a comida, é de perfeito desalento” (Diário, 1944, p. 121).

Essa rede de proteção e resistência se conectava com organizações e ações coletivas que também funcionavam na surdina, chamadas de *underground*. O diário de Anne traz várias notas sobre essas mobilizações secretas, a exemplo de a Holanda Livre. Num trecho do caderno íntimo, a autora fala sobre as atividades desses movimentos que forjavam carteiras de identidade, procuravam esconderijos para fugitivos, forneciam dinheiro para outros grupos ocultos, distribuíam cartões de racionamento para as pessoas que viviam escondidas etc. (Diário, 1944, p. 103).

Havia vários mecanismos de sabotagem, utilizados por gente que se ocultava, para enganar e combater os nazistas. No depoimento de Janny Brandes-Brilleslijper, que esteve junto de Anne e Margot Frank no campo de concentração, podemos observar algumas dessas táticas. Ela e o marido Bob imprimiam um jornal em máquina rudimentar e espalhava em Haia, denunciando a violência fascista; trabalhavam raspando o “J” (indicativo de quem era judeu) dos bilhetes de identidade com uma faca, sendo frequentemente visitada por pessoas para a retirada da letra no documento; desviavam alimentos para a Resistência (Bob não era semita, por isso teve facilidade de se empregar no comissariado do racionamento); e falsificavam identidade de indivíduos falecidos e não registrados (In: LINDWER, 2015, p. 33-39).

Conseguir atestados médicos era igualmente uma maneira de escapar do trabalho pesado e obrigatório. Kraler usou desse artifício para fugir do trabalho forçado na enxada durante quatro semanas. Ao que parece, a tática deu certo, porque ele conseguiu ficar isento da tarefa. A população judaica também contava com serviços de saúde: oftalmologia, odontologia e outras especialidades médicas. Mas não era um benefício fácil de se obter. Geralmente, quando um membro do anexo adoecia, o mais comum era apelar para o remédio caseiro. Tentava-se de tudo: leite com mel, açúcar, limão, suadores, compressas, toalhas molhadas ou secas, bebidas quentes, gargarejos etc. Porém, se esses meios curativos falhavam, o jeito era se ariscar. A diarista narra, numa passagem do caderno, a possibilidade de sair do apartamento secreto para tratar de sua miopia:

Ontem não se falou em outra coisa a não ser nos olhos de Anne, porque mamãe sugeriu mandar-me ao oculista com o sr. Koophuis. Tremi de medo ao ouvir aquilo. Imagine só, ir para fora, sair à rua! Não posso nem pensar! A princípio fiquei petrificada, depois, contente. Mas não vai ser tão fácil assim, porque as pessoas que teriam de aprovar tal decisão não conseguem chegar a um acordo. Quaisquer dificuldades e riscos têm de ser cuidadosamente examinados, embora Miep estivesse disposta a sair comigo imediatamente (Diário, 1943, p. 62).

A resistência pessoal ia muito além de enfrentar o medo de sair de seu esconderijo, apresentava outros aspectos como manter a continuidade do trabalho na empresa da família Frank. As irmãs Frank passaram a ocupar seu tempo com as atividades da indústria de seu pai. “Elli traz um bocado de serviço do escritório para Margot e para mim; faz-nos sentirnos importantes, e para ela é uma grande ajuda. Qualquer pessoa é capaz de arquivar correspondência e fazer anotações nos livros de vendas, mas nós tomamos cuidados especiais” (Diário, 1943, p. 62).

Apesar da ilegalidade, os moradores do esconderijo mantiveram viva suas tradições, o que fortalecia sua integridade humana, revigorava a força e dava coragem para sobreviver a cada dia. As comemorações como o Hanuká (festival das luzes) e o dia de São Nicolau retomavam a questão da sobrevivência da comunidade judaica, ao mesmo tempo em que devolvia a esperança por dias melhores. A solidariedade de seus amigos era muito grande, estavam sempre preocupados em mantê-los confortáveis o máximo que conseguissem. Nessas comemorações religiosas, os judeus do anexo ganhavam presentes especiais.

Hanuká e o dia de São Nicolau vieram, este ano, quase ao mesmo tempo — com apenas um dia de diferença. Não fizemos grandes festas no Hanuká. Trocamos alguns presentinhos e acendemos velas. Por causa do racionamento de velas, só as mantivemos acesas durante dez minutos, mas o importante era que cantássemos a canção. O sr. Van Daan improvisou um castiçal de madeira, portanto, não faltou nada. Sábado, noite de São Nicolau, foi muito mais divertido. Miep e Elli nos deixaram curiosíssimas por estarem cochichando a todo instante com papai. Naturalmente, desconfiamos que havia algo no ar. E havia mesmo. [...] “Oh, que lindo!”, exclamamos todos. Uma enorme cesta enfeitada de papel brilhante de São Nicolau estava lá em um canto, e por cima de tudo uma máscara de Pedro Preto. [...] Havia um presentinho bonito para cada um de nós, com uma pequena poesia escrita especialmente para a ocasião. Ganhei uma boneca cuja saia serve para guardar bugigangas. Papai ganhou suportes para livros, e assim por diante. De qualquer forma, foi uma ideia linda (Diário, 1942, p. 43).

Essa resistência às ocultas possibilitou aos judeus manter o mínimo de unidade enquanto povo. Além de suas tradições religiosas e culturais, o grupo também comemorava os seus aniversários. Essas manifestações ludibriavam os nazistas, e sua pretensão de domínio total. Existia, entre os ocupantes do anexo, muita solidariedade: trocavam presentes, jantavam sempre juntos, conversavam sobre vários assuntos, liam e debatiam sobre os mesmos livros, ouviam canções e notícia no rádio todos os dias sete e meia da noite, jogavam monopólio e brincavam com o gato de Peter Van Daan que tinha sido levado para o esconderijo. O passatempo das mulheres também se fazia por meio de bordados e costuras; e o dos homens na leitura do jornal e no prazer de fumar um cigarro.

Ninguém esquecia um aniversário. Cada ano que se completava era uma comemoraçãoda vida, com direito a vários presentes, em especial, itens para a subsistência. Nessa data, Anne Frank ganhava livros, poemas escritos por seu pai e doces. A generosidade era algo fundamental e os integrantes muitas vezes davam o pouco que tinham para presentear um amigo. Na comemoração de seus anos, a escritora comenta: “também não posso me queixar da falta de doces — todos lançaram mão de suas últimas reservas” (Diário, 1943, p. 62). Mas não era somente a nossa escritora que tinha o seu momento festivo, a senhora Van Daan, na sua data natalícia, ganhou um pote de geleia, alguns cupons para queijo, carne e pão, além de flores. Já no aniversário de Edith Hollander, esta foi presenteadada com açúcar, artigo precioso para os moradores do anexo. O senhor Dussel recebeu no dia de sua celebração uma garrafa de um bomvinho de 1919, um vidro de picles e um pacote de geleia de limão.

A diarista reconhece o poder desses atos e manifestações de afetos, explicando a importância dos pequenos gestos e a existência de diferentes formas de heroísmo:

Diariamente todos sobem até aqui. Conversam com os homens sobre negócios e política, com as mulheres sobre comida e dificuldades da guerra, com as crianças sobre jornais e livros. Estão sempre de cara alegre, trazem flores e presentes nos dias de aniversário e datas festivas, estão sempre prontos para ajudar em tudo o que estiver ao seu alcance, coisas que jamais deveremos esquecer. Alguns mostram seu heroísmo lutando contra os alemães; nossos benfeitores revelam o seu dando-nos alegria e carinho (Diário, 1944, p. 103).

Sobre a força da solidariedade, Homi K. Bhabha (2013, p. 304) diz que o estar-junto humano, em face da vitimização e do sofrimento, é um modo obstinado de se colocar contra a opressão. As reciprocidades e fraternidades são alianças estratégicas e ações de rebeldia, que aparecem diante da necessidade de sobrevivência. O cotidiano e o comum, as

atitudes que passariam despercebidas na existência diária, se tornam numa época de crise social e de extermínio, expressão de luta. A comunidade do anexo foi criada na contingência, ou seja, num tempo e num espaço que se mostrava imprevisível. Aí são fortalecidos os laços, são encontrados meios de resistir e de confrontar, em segredo e por baixo, os poderes violentamente instituídos. Tal forma de luta se constrói na invenção do cotidiano, como explica Michel de Certeau (2014), em que as experiências particulares de luta se dão através do prestar auxílio, da criatividade, de práticas como ler, cozinhar, habitar, falar, caminhar etc.

Mas para manter essa comunidade unida e fortalecida era preciso também seguir algumas regras, como as que foram criadas pela família dos Van Daan. Entre as normas estabelecidas estavam: toda comida e dormida era de graça; o aparelho de rádio só poderia ser ligado depois das seis da tarde; obrigatoriedade de falar baixo o tempo todo; horários fixos para as refeições e os momentos de descansos, que deviam ser estritamente observados para segurança de todos; e os residentes deveriam estar sempre prontos a ajudar o pessoal do escritório (Diário, 1942, p. 40). O regulamento girava em torno da solidariedade e a fim de evitar o risco de serem descobertos, por causa de qualquer movimento expansivo ou barulho. Porém, às vezes os moradores não conseguiam escapar de uma briga ou estranhamento. O confinamento, dentro de um apartamento apertado, com tantas pessoas, gerava atritos com frequência. A jovem diarista comenta que eram rotineiras as confusões entre ela e a sua mãe, entre os Van Daan e Otto Frank e vice-versa, criando uma tensão que afetava o ambiente inteiro. Apesar disso, as relações de amizade e a necessidade de se manterem unidos para sobreviver era mais forte.

A força que o grupo clandestino alimentava vinha também da esperança, trazida pelas notícias transmitidas pelo rádio, como a carta do bispo aos fiéis, incentivando as pessoas a não perderem a fé. A jovem diarista achou a mensagem linda e inspiradora: “não descanse o povo dos Países Baixos. Todos estão lutando com as armas de que dispõem para libertar o país, o povo e a religião. Ajudem-se mutuamente, sejam generosos, não desanimem!” (Diário, 1943, p. 50). Cada vitória conquistada pelos aliados contra os alemães e fascistas, ouvidas no aparelho, também enchia de expectativas os residentes do apartamento secreto. A esperança pelo fim da guerra era mais um motivo para seguir resistindo apesar das dificuldades. “As novidades políticas são excelentes. Na Itália, o partido fascista foi banido. Em muitos lugares o povo está lutando contra os fascistas, e o próprio exército toma parte no combate. Um país nesse estado tem condições de guerrear contra a Inglaterra?” (Diário, 1943, p. 69). Sua escrita privada narra com entusiasmo as

batalhas aéreas, as invasões e os bombardeios das forças aliadas. É com intensidade e emoção que escreve sobre o “Dia D”.

Este é o Dia D." A notícia chegou através do programa inglês e foi confirmada. "This is the day." Começou a invasão. Os ingleses deram a notícia às oito da manhã: Calais, Boulogne, Havre, Cherbourg e também Pas-de-Calais (como de costume) foram severamente bombardeados. Além disso, como medida de segurança para os territórios ocupados, as pessoas que vivem num raio de trinta e cinco quilômetros da costa foram avisadas para estarem preparadas para bombardeios. Se possível, os ingleses deixarão cair panfletos com uma hora de antecedência. Segundo notícias alemãs, tropas de paraquedistas aterrissaram na costa francesa; segundo a BBC, tropas inglesas para desembarque estão em luta com a marinha alemã (Diário, 1944, p. 168).

O diário de Anne Frank não é só uma obra de resistência, mas também é um testemunho da resistência. A jovem diarista acompanhava via rádio, jornal e conversa de adultos as tensões e os desfechos da guerra, anotando tudo. Seu escrito privado é produto da luta cultural contra o holocausto e a desumanização. No dia 4 de agosto de 1944, a Polícia de Segurança Alemã, junto com nazistas holandeses, invadiu a firma de Otto Frank, obrigando Kraler e Koophuis a revelar a entrada do Anexo Secreto. Todos foram presos. O final dessa história já contamos – a morte de praticamente todos os clandestinos do apartamento. Mas, devemos dizer que o falecimento brutal dessas pessoas não representou uma eliminação como queriam os nazistas. A obra de Anne Frank eternizou todas as personagens judias do anexo, com suas lutas, esperança e enorme generosidade. Seu diário ganhou o mundo e todos podem ter acesso a sua narrativa, que conta os acontecimentos traumáticos, a tragédia e as dores do aprisionamento e das perdas humanas, bem como as pequenas alegrias e insistência em continuar vivendo.

6. Considerações Finais

Estudar o diário de Anne é compreender sua relação direta com os episódios da Segunda Guerra Mundial, ampliando nosso entendimento a respeito de como viviam os judeus que foram perseguidos pelos nazistas, como eles respondiam à violência sofrida. Estudá-lo como testemunho histórico é fundamental para apreendermos as resistências e estratégias de lutas que se dão no silêncio, que atacam sem que o inimigo saiba ou espere. O caderno íntimo da jovem autora narra um evento que a humanidade precisa evitar que ocorra novamente, mostrando a barbaridade que foi a guerra e a ideologia fascista.

Anne Frank narra o que Seligmann-Silva (2008, p. 66-69) chamou de inenarrável, isto é, um tipo de testemunho incapaz de ser gerado na lucidez, porque é resultado de um grau de atrocidade que toda a palavra falha diante do fato vivido. Nesse sentido, a realidade só se torna possível de ser compreendida por meio da imaginação. A literatura vem ao socorro de Anne Frank para que ela enfrente “o buraco negro do real do trauma”. Seu texto como produto da resistência, de um sofrimento profundo e da imaginação precisa ser lido com cuidado, porque muito da sua escrita surge da perturbação do confinamento, da dor dos que morriam vítimas do nazismo, dos sustos constantes de quem vivia no esconderijo. Mas tudo isso foi vivido pela autora e por milhares de judeus como ela, que foram caçados por Hitler. Seu diário não é uma invenção, é um relato histórico, que tem que ser analisado e confrontado como todo documento, mesmo aqueles que parecem menos ficcional.

Anne Frank não sobreviveu à guerra, mas nos deixou seu testemunho íntimo que se tornou um legado, um presente à humanidade, e continuou sendo resistência. Em pleno século XXI, a obra chegou a ser proibida em alguns países. Uma escola do Alabama (EUA) tentou proibir o diário porque era considerado uma leitura depressiva, por conter trechos em que a diarista deseja a morte de sua mãe (R7 Portal da Record TV, 2019). No Líbano, nem sequer fazer menção ao diário da jovem é permitido. “Uma escola libanesa, sob pressão da milícia xiita do Hisbolá, proibiu um livro que menciona “O Diário de Anne Frank”, por considerar que esta última obra “promove o sionismo” (G1 Portal de Notícias da Globo, 2009). Nos EUA, em uma escola de Northville, no Estado de Michigan, a obra foi considerada pornográfica por conter registros das mudanças físicas do corpo da jovem, que envolvia o seu órgão genital (Folha de São Paulo, 2013). Podemos destacar também um caso que ocorreu no Brasil, em uma escola da cidade de Vitória (ES), que suspendeu a sua leitura, na versão em quadrinhos, alegando que o livro traz vocabulário ligado à sexualidade (G1 Portal de Notícias da Globo, 2018).

Contudo, esses fatores não o impediram de inspirar pessoas no mundo inteiro, assim também como grandes personalidades políticas da história. A senadora estadunidense Hillary Clinton escreveu, em 1994, que os relatos de Anne Frank têm o poder de nos despertar da loucura da indiferença. John F. Kennedy, em 1961, afirmou que a voz da diarista é a mais convincente, ao falar da dignidade humana em épocas de grande sofrimento. E Nelson Mandela, que leu o diário durante o período em que estava preso, traçou paralelo entre a sua luta contra o *apartheid* e a resistência da jovem escritora, que desafiou as falsas crenças nazistas (BATISTOTI, 2018). A magnitude de seus escritos

perdura até os dias atuais, sobrevivendo a toda situação adversa desde quando começou a ser escrito. O Diário de Anne Frank é muito maior que um simples desabafo de uma jovem que almejava ser escritora, ele é o grito de socorro de todos aqueles que tiveram a sua vida covardemente ceifada no holocausto. É um grito de alerta para as atrocidades cometidas em nome de uma ideologia, dos discursos de ódio gratuitos, da intolerância, do preconceito, do racismo, e tudo aquilo que tira do homem sua humanidade e sua liberdade. Nem mesmo a morte calou a sua voz, que continua sendo ouvida no mundo inteiro.

7. Referências

- BATISTOTI, Vitória. Anne Frank: relembre a trajetória da garota judia durante o Holocausto. *Revista Galileu*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/06/anne-frank-relembre-trajetoria-da-garota-judia-durante-o-holocausto.html>. Acesso em 14 jan. 2021.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). *Cad. Pagu* [online]. 2002, n.19, pp.113-143. ISSN 1809-4449. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000200006>. Acesso em: 18 set. 2020.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. *Mein Kampf* e o Ideário Nazista. Consilium. *Revista Eletrônica de Direito*, Brasília n.4, v.1 maio/ago, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 21. ed. Petropolis: Vozes, 2014.
- CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. Editora Contexto, 2001.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Nos EUA, mãe pede à escola que proíba “Diário de Anne Frank” por ser “pornográfico”, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1274941-nos-eua-mae-pede-a-escola-que-proiba-diario-de-anne-frank-por-ser-pornografico.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- FOLMAN, Ari. Anne Frank, 1929-1945. In: FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. Adaptação de Ari Folman; ilustração de David Polonsky; tradução de Raquel Zampil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FRANK, Anne. *Diário de Anne Frank*. Tradução de Elia Ferreira Edel. E-book. Edição integral. São Paulo: Círculo do Livro, [1974?] Disponível em: https://youtruth.weebly.com/uploads/1/3/1/8/1318459/o_diario_de_anne_frank_portuguese.pdf Acesso em: 01 out. 2019.

_____. O diário de Anne Frank em quadrinhos. Adaptação de Ari Folman; ilustração de David Polonsky, tradução de Raquel Zampil. 1. Ed- Rio de Janeiro: Record, 2017.

G1PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO. Colégio libanês proíbi livro que cita “O Diário de Anne Frank”, Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1370198-5602,00-COLEGIO+LIBANES+PROIBE+LIVRO+QUE+CITA+O+DIARIO+DE+ANNE+FRANK.html>. Acesso em: 09 jan. 2021.

G1PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO. Após fazer discurso semelhante ao de ministro nazista, secretário de Cultura coloca cargo à disposição. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/apos-fazer-discurso-semelhante-ao-de-ministro-nazista-secretario-de-cultura-coloca-cargo-a-disposicao.ghtml>. Acesso em: 06 abril 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. [1925?] Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNIZjcxMTVkmw>. Pdf. Acesso em: 13 out. 2019.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KINOSHITA, Dina Lida. A literatura do Holocausto e da resistência. *WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall* v.7 n.2 (p.19-28) (jul-dez) 2015.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 8/9, p. 99–114, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LINDWER, Willy (org). *Os últimos sete meses de Anne Frank*. Lisboa: Livros do Brasil, 2015.

MORONI, Andréia. *A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank*. Universidade Autônoma de Barcelona, 2003.

Muller, Melissa. *Anne Frank: A Biografia*. Bloomsburry Publishing, 1998.

NEVES, Priscilla Piccolo. *O Holocausto Judaico*. Dissertação de Mestrado. São Luis, 2018.

PINTO, António Costa. De regresso ao fascismo. *Análise Social*, vol. XLI (179), 2006, 611-627. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n179/n179a14.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

R7 PORTAL DA RECORD TV. Sete perguntas sobre Anne Frank, a autora do diário mais famoso do mundo, que completaria 90 anos, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/sete-perguntas-sobre-anne-frank-a-autora-do-diario-mais-famoso-do-mundo-que-completaria-90-anos-11062019>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SANTOS, Marta Magalhães dos. Um olhar sobre o “Diário de Anne Frank”. Dissertação de Mestrado – ISPA, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, sociais e da Vida. Lisboa, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicol. Clin.*, Rio de Janeiro, V. 20, N.1, p. 65 – 82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SOUZA, Nanci Nascimento de. Gueto de Varsóvia: Educação clandestina e resistência. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.